

Pré-Jornada: Caderno de Leitura II

2013

Organizadores

Fabiane Verardi Burlamaque
Tania Mariza Kuchenbecker Rösing

Autores

Adriano Canabarro Teixeira, Carindia do A. Marques Quevedo,
Carme Regina Schons, Deisi Zanatta, Diogo da Costa Ruffato,
Eládio Vilmar Weschenfelder, Ermani Cesar de Freitas,
Fabiola Hauch, Gisela Lacourt, Lauro Gomes,
Luciana Lhullier Rosa, Luis Henrique Boaventura,
Marlete Diedrich, Miguel Rettenmaier, Patrícia Valério,
Paulo Ricardo Becker, Raquel Cesar da Silva,
Ricardo Moura Buchweitz
Vinícius Rauber e Souza

Revisão: Beatriz Calegari Segal
Identidade visual, criação da capa e ilustrações: Zero3 Comunicação
Projeto Gráfico: Sirlete Regina da Silva
Diagramação: Paulo Henrique Simon

Jornada Nacional de Literatura
Coordenação: Tania Mariza Kuchenbecker Rösing

Correspondência:
Central de Atendimento das Jornadas Literárias
Campus I – BR 285 – Bairro São José
99052-900 – Passo Fundo/RS
Tel. (54) 3316-8368
E-mail: jornada@upf.br
Home-page: www.jornadadeliteratura.upf.br

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Reitor: José Carlos Carles de Souza
Vice-Reitora de Graduação: Neusa Maria Henriques Rocha
Vice-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: Leonardo José Gil Barcellos
Vice-Reitora de Extensão e Assuntos Comunitários: Bernadete Maria Dalmolin
Vice-Reitor Administrativo: Agenor Dias de Meira Júnior

Série Jornadas Literárias

CIP – Catalogação na Publicação

P922 Pré-Jornada : caderno de leitura II / organizadores Fabiane Verardi
Burlamaque, Tania Mariza Kuchenbecker Rösing ; autores
Adriano Canabarro Teixeira ... [et al.]. – Passo Fundo : Ed.
Universidade de Passo Fundo, 2013.
85 p. : il. ; 30 cm. – (Jornadas literárias)

Inclui bibliografia.
ISBN 978-85-7515-795-4

1. Leitura. 2. Literatura – Estudo e ensino. 3. Livros e leitura. 4.
Multimídia interativa. 5. Jornada Nacional de Literatura – Passo
Fundo (RS). I. Burlamaque, Fabiane Verardi, coord. II. Rösing,
Tania Mariza Kuchenbecker, coord. III. Teixeira, Adriano
Canabarro. IV. XV Jornada Nacional de Literatura. V. Título. VI.
Série.

CDU: 028

Biblioteca Jucelei Rodrigues Domingues CRB 10/1569

Sumário

Apresentação	5
<i>A rainha do cine Roma</i> (Leya), de Alejandro Reyes.....	7
<i>O caso Laura</i> (Rocco), de André Vianco	11
Blog <i>www.thealchemists.com/blog</i> , de Bárbara Mota	17
<i>Balés</i> (Língua Geral), de Bruna Beber	20
<i>Psicologia da educação virtual: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação</i> (Artmed), de Cesar Coll e Carles Monereo	25
<i>Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis</i> (Artmed), de Diana Lichtenstein Corso e Mário Corso	29
<i>Nas entrelinhas do horizonte</i> (Belas Letras), de Humberto Gessinger	32
<i>Solidão no fundo agulha</i> (Fundação Carlos Chagas), de Ignácio de Loyola Brandão	35
<i>www.doutorjairo.uol.com.br</i> , de Jairo Bouer	39
<i>As feridas de um leitor</i> (Bertrand Brasil), de José Castello	42
<i>www.lauramuller.com.br</i> , de Laura Muller.....	48
<i>Operação Galápagos</i> (Planeta), de Luciana Savaget.....	51
<i>Amar é crime</i> (Edith), de Marcelino Freire.....	55
<i>Culturas extremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles</i> (DP&A), de Massimo Canevacci	60
<i>Tecnologia e novas educações</i> (Ed. Universidade Federal da Bahia), de Nelson de Luca Pretto	64
<i>Fé em Deus e pé na tábua: ou como e por que o trânsito enlouquece no Brasil</i> (Rocco), de Roberto DaMatta	66
<i>Literatura, pão e poesia</i> (Global), de Sérgio Vaz.....	70

<i>Almanaque das drogas</i> (Leya), de Tarso Araujo	73
<i>O amor nos tempos do blog</i> (Record), de Vinícius Campos	78
<i>Em busca de um sonho</i> (Moderna), de Walcyr Carrasco.....	82

Apresentação

Desde 1981, quando foi realizada a 1ª Jornada Sul-Rio-Grandense de Literatura, desenvolve-se em Passo Fundo, atual Capital Nacional da Literatura, uma metodologia de leitura singular denominada Pré-Jornada. De forma inovadora, a Jornada optava por garantir a centralidade da leitura literária como base do encontro entre público e escritores através da movimentação cultural de grupos interdisciplinares, pela leitura antecipada das obras dos autores convidados para a Jornada Nacional de Literatura. Nesse sentido, desenvolviam-se a análise e a interpretação de textos, abrindo canais de comunicação para que todas as formas de cultura fossem contempladas através de trocas de experiências e de valores. Paralelamente, ocorria o estímulo à leitura das distintas manifestações artísticas e culturais. Esse era, e ainda hoje é, o passo fundamental para a formação de leitores críticos, antes do momento da sua participação na Jornada.

Dessa forma, com o objetivo de estimular, previamente, a leitura das obras dos autores que participam das conferências, dos palcos de debates e dos encontros que constituem as Jornadas Literárias, que, em 2013, atingem trinta e dois anos, apresentamos a você, leitor e leitora, este Caderno de Leitura II. Seu conteúdo busca, além de consolidar a exitosa sistemática da Pré-Jornada, instigar os participantes da 15ª Jornada Nacional de Literatura à leitura e interação com as obras e autores envolvidos nesta movimentação cultural. A temática da Jornada em 2013 é “Leituras jovens do mundo”, momento em que se falará sobre os jovens e com os jovens, ouviremos os jovens e nos transformaremos com eles, pois o mundo é um jovem a ser lido e há nele uma “galera” toda potencialmente aberta às obras, às ideias e às “Leituras jovens do mundo”. Este Caderno de Leitura II é parte de um processo de intercomunicação e de diálogo, tendo como base dessas trocas a arte, a literatura e a tecnologia. Pretende auxiliar na sistematização da leitura entre públicos distintos. Dessa forma, o conteúdo dos roteiros ora apresentados constitui uma oportunidade para a consolidação do leitor emancipado, crítico e qualificado.

Após a biografia dos autores apresentamos um breve resumo da obra escolhida, com foco nas questões formais e de estrutura do texto. Na apresentação contextual do livro, analisamos circunstâncias culturais e sociais envolvidas na produção do texto, procurando também estabelecer a relação entre a obra e a temática da 15ª Jornada Nacional de Literatura: “Leituras jovens do mundo”. Na sequência, apresentamos algumas leituras possíveis deflagradas pela obra, ou seja, uma espécie de “arremate” crítico, para aprofundar alguns aspectos da leitura, e sugerimos links, isto é, apontamentos que encaminhem a leitura para outros textos de alguma forma “referenciados” na obra em questão. Além de livros, em alguns roteiros, fazemos referências a outras manifestações culturais como filmes, álbuns (CDs de música), sites literários, páginas na internet, entre outros.

Enfim, pretendemos com este Caderno de Leitura II estimular o público participante desta singular movimentação cultural à leitura da obra, instigando os leitores a encontrar seu caminho de interpretação, recontextualizando o texto na especificidade de sua circunstância e de sua condição.

As organizadoras

A rainha do cine Roma (Leya), de Alejandro Reyes



Raquel Cesar da Silva - Mestre em Letras

1 Autor

Nascido na Cidade do México, o autor Alejandro Reyes morou nos Estados Unidos e em alguns países da Europa, trabalhando em meio a computadores e mesas de bar antes de, em meados dos anos 1990, estabelecer residência no Brasil. Mestre em Estudos Latino-americanos pela Universidade da Califórnia, Reyes descreveu uma trajetória de vida similar a de muitos outros escritores que buscaram inspiração para sua arte no cotidiano das grandes cidades e no reconhecimento de que é em suas margens que as mais pungentes histórias de vida acontecem. O autor permaneceu por cerca de dez anos em Salvador, conhecendo a realidade das crianças de rua, das prostitutas e dos travestis e construindo a narrativa daquele que viria a se tornar o seu primeiro romance. Antes do lançamento de *A rainha do cine Roma* (2010), porém, o escritor mexicano já publicara as coletâneas de textos curtos *Vidas de rua* (1997), *O Lacandón* (1997) e *Contos mexicanos* (2004), obras que fazem parte do mais recente movimento literário baiano. Atualmente, Reyes concilia o trabalho de consolidação e divulgação de sua obra com as atividades de jornalista, escrevendo para veículos alternativos acerca de movimentos e mobilizações sociais do continente americano.

2 Obra

A rainha do cine Roma é o romance inaugural de Alejandro Reyes e conta a história de duas crianças que, fugindo da violência a que são submetidas em casa, encontram-se pelas ruas de Salvador e estabelecem imediatamente uma relação de afeto e codependência que as acompanhará pela vida afora. Betinho, o protagonista-narrador do romance, vive da prostituição e de pequenos delitos até encontrar Maria

Aparecida nas ruínas de uma antiga igreja e transformá-la em rainha tanto do cine Roma – um velho cinema abandonado que lhes serve de abrigo e arremedo de lar – quanto de sua própria existência. A narrativa de Betinho é repleta de nichos nos quais o protagonista vai encaixando a história de vida de alguns de seus companheiros de “misérias” e aventuras pelo submundo de Salvador. Valendo-se de um desses nichos narrativos, revela o duro caminho percorrido por Maria Aparecida até o momento em que desperta ao seu lado na igreja e se pode perceber o real espaço ocupado pela menina no universo do romance e no coração de seu narrador. O romance se demora em relatar a infância de Maria Aparecida, seus primeiros anos ao lado dos pais e do irmão numa ilha de pescadores, a admiração e o orgulho que sentia pela mãe, Edinólia, figura conhecida e respeitada pelos terreiros de candomblé do lugar, e a rápida transformação ocorrida na vida da menina depois da dolorosa e prematura morte da mãe de santo. Viúvo e entregue ao alcoolismo, o pai de Maria Aparecida se muda para a capital com os filhos e passa a tratá-los com extrema brutalidade, empurrando-os em direção ao destino de desamparo e dor que acabam por encontrar. As passagens que descrevem a maneira como o pescador passa de pai relapso e violento a estuprador da própria filha são descritas pelo narrador com tamanha dor e indignação que é quase como se a voz de Betinho recuasse, oferecendo à amiga a oportunidade de falar por si mesma:

Coisa mais horrível, pavor misturado com nojo, um sentimento violento de culpa, um terror de coisas que não conseguia nem entender, um desgosto do caralho, como se estivesse caindo num abismo. Queria fugir, mas seu pai segurava ela com força, e era uma sensação pavorosa de impotência e desespero. (REYES, 2010, p. 48)

Em uma das muitas vezes em que sai pelas ruas de Salvador em busca de dinheiro, Maria Aparecida acaba por se separar do irmão mais novo e nunca mais o vê. Sem o consolo da companhia de Pedrinho, a menina não mais consegue suportar os abusos do pai e vai embora de casa, encontrando-se com Betinho, que acabara de, por sua vez, ser vítima de espancamentos e humilhações. A partir do momento em que se conhecem, os protagonistas de *A rainha do cine Roma* jamais se separam, mesmo quando a vida os empurra em direções opostas. Anos se passam, as crianças se tornam adolescentes, Betinho vai embora com um homem pelo qual se apaixona e Maria Aparecida acaba encontrando na prostituição, uma forma de sobrevivência. Após a separação, a narrativa de Betinho se dedica inteiramente à trajetória de Maria Aparecida, à epifania que a menina experimenta ao lado de uma criança que se perde da mãe e que encontra na adolescente de rua, experiente e corajosa, proteção e carinho durante uma única noite que, não obstante, marca para sempre a vida de ambos, bem como à sua relação com Creuza, companheira de prostituição e de traumas, nos braços de quem Maria Aparecida acaba encontrando amor e, pela primeira vez, prazer sexual. Quando finalmente se reencontram, é como Roberta que o narrador se reapresenta para sua amiga e para o leitor: enganado por Rodolfo Beija-Flor e forçado por ele a se prostituir nas ruas do rio de Janeiro, Betinho encontrara nos travestis de rua não apenas companheirismo, mas também a verdade sobre a própria natureza. Nesse espaço de tempo, Maria Aparecida envolve-se com Chico, o menino perdido com quem passara uma de suas muitas noites pelas ruas da capital baiana e Roberta é perseguida e humilhada pelo ex-amante, do qual roubara dinheiro para voltar a Salvador em busca da amiga. Ao final do romance, a narrativa se apressa em amarrar as pontas e oferecer um destino a

cada uma das personagens: Chico, após ser rejeitado por Maria Aparecida, tenta o suicídio e acaba numa cadeira de rodas, entregue aos cuidados de Creuza, que encontra nele uma possibilidade de permanecer unida a sua amada. Roberta e Maria Aparecida envolvem-se sexualmente pela primeira vez e planejam uma vida juntas, em paz, sonho que acaba uma vez mais adiado. Presa pelo assassinato do ex-amante, Roberta conclui seu relato da mesma maneira como o iniciara: esperando que o amor que sente por Maria Aparecida, por sua rainha do cine Roma, seja capaz de mantê-lo vivo.

3 Contexto

O universo no qual Reyes situa sua história é o do submundo, das pessoas que buscam apenas e tão somente a sobrevivência imediata nas ruas das grandes cidades do país, que enfrentam cotidianamente a tentação das drogas, o desejo de se evadir da própria realidade e a falta de abrigo, comida e amparo. Porém, embora seja bastante explícito na descrição de brutalidades e injustiças sofridas por crianças que ainda não atingiram uma quinzena de anos de vida e não ofereça, de modo algum, aquilo que se costuma considerar como um “final feliz”, *A rainha do cine Roma* não é um romance triste. Verdadeiro certamente, cru, como bem afirma Pepetela na contracapa do livro, repleto daquilo que chamamos tão descuidadamente de realidade, mas jamais triste. Porque as personagens violentadas e violentas, as prostitutas e os michês, os ladrões e drogados do romance de Reyes são crianças brincalhonas e generosas, capazes de rir das próprias misérias e de oferecer os próprios corpos, já tão machucados, aos lobos para proteger um amigo em apuros. O autor mexicano, reproduzindo em seu livro uma realidade que conheceu de perto, e oferecendo ao seu protagonista uma voz branda e carregada da mais genuína ternura, foi capaz de fazer o que muitos tentaram sem jamais conseguir, escrever com leveza sobre o mais pesado dos assuntos.

4 Questões suscitadas - leituras

O sexo é um elemento onipresente durante a leitura de *A rainha do cine Roma*. As personagens se conhecem, se amam e se ferem por meio da expressão da sexualidade. Não é certamente um instrumento de fácil manuseio em um livro que parece pretender atingir, sobretudo, o público jovem, mas Alejandro Reyes é hábil e faz do sexo um poderoso aliado de sua história. Há em seu romance um forte sentido de que é pelo afeto que as verdadeiras relações humanas se estabelecem, mas que o sexo é uma das muitas maneiras de se chegar a essa camada mais profunda do conhecimento e da intimidade com uma outra pessoa. Betinho já transformado em Roberta sente pela primeira vez desejo pela sua amiga e grande amor, e Maria Aparecida, por sua vez, transita por braços e corações femininos e masculinos antes de perceber que o amor que sentia por seu amigo era um amor total, feito de corpo, alma e, inclusive, sexo.

5 Registro da leitura

Compartilhar suas vivências e experiências de leitura no grupo do Facebook, Pré-Jornada 2013 (www.facebook.com/jornadasliterarias), postando declarações, vídeos, fotografias, entre outros, relacionados às discussões realizadas a partir da leitura e das questões.

6 Links

A primeira relação intertextual que pode ser feita a partir do romance de Reyes é com o filme “Pixote: a lei do mais fraco”, dirigido por Hector Babenco e lançado em 1981, pela coragem análoga de expor o dia a dia de crianças de rua, das drogas e da exploração sexual. O filme “Madame Satã”, de Karim Ainouz – assistido por duas personagens do romance – sobre o belo e indomável transformista do bairro carioca da Lapa é um universo igualmente próximo ao de *A rainha do cine Roma*. Mas os galhos que permanecem ao final da leitura da obra ramificam-se em milhares de direções diferentes, e podem atingir lugares e obras aparentemente distantes. Como o filme *Tudo sobre minha mãe*, escrito e dirigido por Pedro Almodóvar, em 1999, no qual o travestismo é menos uma questão de expressão sexual ou de gênero do que uma experiência artística que se estende pela vida inteira. Também o livro *Só garotos*, no qual a cantora e compositora Patti Smith descreve sua relação de amor imediata, incondicional e eterna com o artista plástico Robert Mapplethorpe. O romance de Alejandro Reyes tangencia, sobretudo nas passagens referentes ao personagem Chico, a poesia de Castro Alves, Manuel Bandeira e Fernando Pessoa. Não abandona, no entanto, em nenhum momento, a ideia de que é na relação entre Betinho/Roberta e Maria Aparecida, na maneira como eles se reconhecem sem jamais terem se visto e no desespero com que se buscam, sempre e para além de todos os obstáculos, que habita a alma do livro, sua potência e sua quase insuportável beleza.

Referências

MADAME Satã. Direção de: Karim Ainouz. Brasil/França: VideoFilmes e Lumière, 2002. 1 DVD. 105min.

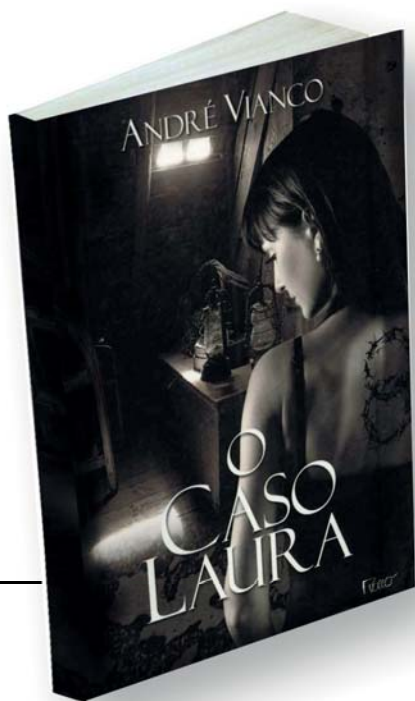
PIXOTE – A lei do mais fraco. Direção de: Hector Babenco, baseado em livro de José Loureiro. Brasil: Embrasilme, 1981. 1 DVD. 128min.

REYES, Alejandro. *A rainha do cine Roma*. São Paulo: Leya Brasil, 2010.

SMITH, Patti. *Só garotos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

TUDO Sobre Minha Mãe. Direção de: Pedro Almodóvar. Espanha: El Deseo S.A., 1999. 1 DVD. 101min.

O caso Laura (Rocco), de André Vianco



1 Autor

André Vianco nasceu em 1975, em São Paulo. Desde cedo apaixonado por literatura, publicou seu primeiro livro em 2000, *Os sete*. É autor de 13 obras, dentre elas as séries *Vampiro-Rei* e *O turno da noite*. Começou a escrever profissionalmente para o rádio, ingressando nos anos seguintes no teatro, na TV e no cinema, na direção de curtas-metragens. Seu mais novo livro foi lançado em abril de 2013, *As crônicas do fim do mundo – A noite maldita*. Suas obras transitam entre o terror, o mágico e o fantástico, de certa forma realizando o que anuncia o autor em seu blog (www.blogdovianco.com), “Meu negócio é criar um mundo atrás do outro”.

2 Obra

O Caso Laura promete ao leitor, à primeira vista, uma narrativa policial, embora revele mais do que uma intriga de crime, investigação e revelação do criminoso. Marcel, investigador particular tipicamente *outsider*, é contatado por um estranho homem para vigiar Laura, envolvida com Miguel, um amigo suspeito. Laura é uma restauradora de arte que acompanha dolorosamente o declínio físico e mental do pai e traz consigo um passado de grandes sofrimentos, relacionados à perda do filho. O caminho da investigação levará Marcel a descobrir um grupo de pessoas identificadas pelo símbolo do infinito e encarregadas de uma missão surpreendente. A narrativa se desenvolve também em outro núcleo, em torno do policial Alan, que, sob noções particulares de justiça, vinculadas a um passado trágico, opta por agir violentamente contra o crime. Supostamente implicado na execução de criminosos, tem como imposição da Corregedoria a companhia de uma nova agente, Gabriela, personagem que guarda segredos e mistérios.

3 Contexto

A história social da leitura apresenta questões quando se vincula à leitura o elemento entretenimento. O leitor, como sujeito histórico, está diretamente relacionado à consolidação da sociedade burguesa, à qual, por sua vez, tem vínculos com o nascimento da escola, como a conhecemos hoje. Nessa relação, a leitura, no Ocidente, teve e ainda tem fortes condicionantes associados à educação e à instrução formal, ainda que, em determinados espaços, à revelia do que se julgava a leitura adequada, a leitura por prazer tivesse se consolidado, já desde o século XIX, como um dos costumes triviais da burguesia, sobretudo das mulheres. As bibliotecas femininas e os livros de moça são exemplos que chegaram ao século XX, apresentando, na questão de gênero, um elemento distintivo entre o que os homens liam (ou admitiam ler), o que se julgava sério e instrutivo, como os tratados filosóficos e as obras jurídicas, e o que as mulheres declaradamente cultivavam, a literatura e o romance, em grande parte direcionados às “leitoras”. Tal realidade reproduziu-se no Brasil, embora a falta de políticas eficientes de educação e de uma efetiva preocupação com a formação de leitores possivelmente tenha restringido o prazer da leitura às classes mais favorecidas. Talvez por isso, o fenômeno *pulp*, na primeira metade do século XX, relacionado, nos grandes centros urbanos, à leitura de revistas feitas com papel de baixa qualidade (a “polpa”), não tenha ingressado com força na história social da leitura no Brasil. No lugar de tais revistas, dedicadas às histórias de fantasia e ficção científica, por aqui acolheu-se com força a indústria de entretenimento, associada à comunicação de massa, a qual pode ser compreendida, como aponta Lucia Santaella, como um termo de grande pluralidade de manifestações:

Nesse contexto, as expressões ‘meios de massa’ e ‘cultura de massa’ denotam os sistemas industriais de comunicação, sistemas de geração de produtos simbólicos, fortemente dominados pela proliferação de imagens. Trata-se de produtos massivos porque são produzidos por grupos culturais relativamente pequenos e especializados, e são distribuídos a uma massa de consumidores. Na lista dos meios de massa, incluem-se geralmente a fotografia, o cinema, a televisão, a publicidade, os jornais, as revistas, os quadrinhos, os livros de bolso, as fitas e os CDs. Uma característica comum aos meios de massa está no uso de máquinas, tais como câmeras, projetores, impressoras, satélites, entre outras, capazes de gravar, editar, replicar e disseminar imagens e informação. Os produtos culturais gerados por esse sistema são baratos, seriados, amplamente disponíveis e passíveis de uma distribuição rápida (SANTAELLA, 2005, p. 06).

As bases e os fatores para a grande disponibilidade desses produtos logo chamaram a atenção das elites intelectualizadas, dentro e fora do Brasil. Nesse aspecto, alguns importantes centros de estudos universitários passaram a perceber a comunicação de massa como elemento de alienação. De alguma forma, esses produtos irradiariam a ideologia dominante, fazendo das pessoas instrumentos passivos para a reprodução do poder político. No Brasil, tal desconfiança ampliou-se a maior grau, pelo fato de os meios de massa, sob o jugo e a posse das elites, terem atingido forte consolidação nos anos de chumbo, graças à modernização conservadora defendida pela ditadura cívico-militar. Essa modernização de ordem tecnocrática, apartada de mudanças políticas, defendia a urbanização e a industrialização, ligadas à revolução nas comunicações, em um projeto de integração nacional pelas redes de televisão. Por essa ordem de contradições, em que se uniam, de

um lado, a inovação, de outro, a manutenção do poder, não foi difícil aos grupos contrários à repressão demonizar os produtos gerados pela indústria cultural, generalizando a crítica ao ponto de não livrar quaisquer desses produtos dos qualificativos mais negativos. E mais: não foi raro o desprezo por qualquer manifestação artística que não tivesse, com maior ou menor ênfase, uma intencionalidade política de engajamento contra o regime. Nesse sentido, o divertimento e o entretenimento passaram a ser vistos como práticas desprovidas de sentido maior e digno, de dicção transformadora, de base intelectual razoável. A arte e a leitura, nessa ordem, acolhiam-se longe das massas, ainda iludidas e sem referência ou preparo para as mudanças necessárias.

O entretenimento ainda é um problema para a comunidade acadêmica, mesmo passada a repressão e redemocratização do país, principalmente se levarmos em conta, na atualidade, o aumento considerável do número de leitores, graças, dentre outros fatores, à massificação da escola, ao encolhimento do analfabetismo, ao aumento do poder aquisitivo das classes menos aquinhoadas, à incorporação na vida das cidades dos aparatos tecnológicos de preço cada vez mais acessível. Há mais pessoas, em comparação aos tempos de outrora, dispostas a ler, a comprar livros, a interagir com mídias tecnológicas. Há uma multidão de sujeitos preparados para adquirir celulares, *tablets*, softwares e aplicativos. De todas as formas, contudo, essa nova multidão não parece submeter-se às orientações e aos ditos das partes superiores do pensamento acadêmico. Mesmo que apresentados aos clássicos na escola (se realmente apresentados), essa nova multidão busca seu próprio acervo de leitura, faz seu próprio repertório. Na atualidade, redes e comunidades virtuais se oferecem como fonte de informação, discussão, divulgação, produção e recepção de textos ficcionais.

As comunidades de leitores nas redes sociais da internet tiveram direta influência, em 2012, na publicação do livro organizado por Felipe Pena: *Geração subzero: 20 autores congelados pela crítica*, mas adorados pelos leitores, coletânea na qual está André Vianco. No livro, Felipe Pena, na introdução, faz uma forte provocação:

Boa parte da literatura brasileira contemporânea presta um desserviço à leitura. Os autores não estão preocupados com os leitores, mas apenas com a satisfação da vaidade intelectual. Escrevem para si mesmos e para um ínfimo público letrado e pretensamente erudito, baseando as narrativas em jogos de linguagem que têm como objetivo demonstrar uma suposta genialidade pessoal. Acreditam que são a reencarnação de James Joyce e fazem parte de uma estirpe iluminada. Por isso, consideram um desrespeito ao próprio currículo elaborar enredos ágeis, escritos com simplicidade e fluência. E depois reclamam que não são lidos. Não são lidos porque são chatos, herméticos e bestas. (PENA, 2012, p. 9)

Defendendo o entretenimento como forma de sedução pela literatura, Pena pretende a valorização de autores lidos por prazer e não por imposição acadêmica, em uma verdadeira “dissidência”, que resiste ao “pensamento dominante ainda muito forte na comunidade literária” (PENA, 2012, p. 13). Para tanto, baseou-se nas preferências dos próprios leitores, citando, como fonte, de início, “redes sociais, blogs, salas de aula e grupos de discussão cujo objeto era simplesmente o prazer da leitura” (PENA, 2012, p. 14). As tecnologias, assim, serviam para observar os “subterrâneos” da leitura por prazer, à revelia da escola e da universidade:

Ao contrário do que apregoavam certos apocalípticos, a popularização das tecnologias valorizou a escrita e, portanto, aumentou o interesse pelo texto, pela palavra. Há leitores nesse país, mas é preciso respeitá-los. É preciso produzir narrativas que não sejam meros exercícios de egocentrismo e/ou missivas elípticas endereçadas aos pares. (PENA, 2012, p. 12)

Nesse contexto, no qual as leituras previstas pelo pensamento especializado são desprezadas em preferência a outras, não legitimadas pela crítica, estão os “enredos ágeis, escritos com simplicidade e fluência” de André Vianco, um autor que quer “criar um mundo atrás do outro”. Sua ficção seduz milhões de leitores e os multiplica com a intensidade das comunicações em rede. Vianco é um dos autores “adorados pelos leitores”.

4 Questões suscitadas - leituras

A figura do detetive é recorrente nas ficções “adoradas” pelos leitores. Sua importância migrou para o cinema e para as telas de televisão, conferindo à personagem uma feição dupla. A narrativa policial, embora inegavelmente seja parte de um universo literário sofisticado, do qual se encontram autores como Edgar Allan Poe e Jorge Luis Borges, inclui autores não reconhecidamente pertencentes ao grupo dos escritores seletos. Relacionada ao gênero policial, então, a figura do detetive está na tensão entre a cultura de massa e a alta cultura. Segundo Ricardo Piglia (2006, p. 95): “O detetive é aquele que media esses dois gêneros”.

Em outra percepção, a figura do detetive, que está tanto aberto à massa quanto fechado no hermetismo da alta cultura, como personagem, pode mediar outros dois mundos, o mundo das aparências, dos protocolos sociais, e o das intimidades particulares e secretas. Na realidade, o que faz o detetive é “desmascarar”, posição que é mesmo própria do gênero romanesco. Para Bakhtin (1988, p. 277): “O romancista precisa de alguma espécie de máscara consistente na forma e no gênero que determine tanto sua posição para ver a vida, como também a posição para tornar pública essa vida”. O romance, para o teórico, serve à denúncia de “toda espécie de convencionalismo pernicioso, falso, nas relações humanas” (BAKHTIN, 1988, p. 278). Assim, o detetive, como o trapaceiro e o aventureiro, e mesmo como os criados e as cortesãs, faz parte de um grupo de indivíduos em posição para “espiar e auscultar a vida privada” e o cinismo das relações sociais (BAKHTIN, 1988, p. 246). Situa-dos em um espaço limítrofe, quase sempre dispostos a algum tipo de transgressão, essas personagens estão dentro e fora dos espaços reservados, vasculhando, descobrindo, revelando. De alguma maneira, compartilham o olhar do escritor e do leitor à vida privada que, separada da vida da entidade social, apenas cruza-se com ela em algumas circunstâncias que provocam o movimento do que era um segredo e passou a ser público. O crime é um desses pontos específicos, por isso o detetive denuncia o que não pode estar circunscrito ao particular e ao íntimo, faz visível o invisível, torna o obscuro elementar.

Em *O caso Laura*, Marcel é contatado para invadir a intimidade de Laura. Há um perigo e uma suspeita, a presença de um homem misterioso em torno dela. Por isso, é-lhe permitido pelo contratante, um homem também misterioso, observá-la e ouvi-la a distância, ingressando na sua rotina e nas suas condutas, em seus diálogos com pessoas próximas. Como narrador demiurgo e leitor, Marcel olha, ouve, lê. E graças a essas leituras, diferentemente do leitor, o detetive poderá interceder na vida de Laura, salvando-a da morte.

Outro elemento aproxima Marcel do leitor: o percurso das descobertas em torno dos mistérios da investigação. Em *O caso Laura*, personagem e leitor estão juntos no que desconhecem. O aparecimento e o desaparecimento inexplicável de algumas personagens no enredo são um fato que intriga ao investigador e que o colocarão, mas tarde, em nova posição limítrofe, entre o real e o sobrenatural, encaminhando o que parecia ser somente um texto policial a outro tipo de gênero, firmado na fantasia e no sobrenatural.

A narrativa sobrenatural consolidou-se no século XIX, no Ocidente, associada ao romance e ao conto. Um dos pontos centrais desse tipo de enredo é a integração do leitor no mundo das personagens e, sobretudo, na dúvida deles. Segundo Todorov:

Aquele que o percebe [o sobrenatural] deve optar por uma das soluções possíveis; ou se trata de uma ilusão dos sentidos, de um produto da imaginação e nesse caso as leis do mundo continuam a ser o que são; ou então o acontecimento realmente ocorreu, é parte integrante da realidade, mas nesse caso esta realidade é regida por leis desconhecidas para nós. (1992, p. 30)

Nesse sentido, em *O caso Laura*, a hesitação acompanha o leitor até as partes finais da obra, que revelaram, a Marcel e ao leitor, o quanto o universo é regido “por leis desconhecidas para nós”. E tal noção, possivelmente, em si, guarde uma postura epistemológica compartilhada por escritores e leitores. Segundo Roger Parry, essa posição pode ser percebida nas origens dos gêneros que tratam do sobrenatural nos séculos XVIII e XIX:

Talvez por uma reação à mentalidade racional do Iluminismo, despontou uma forma popular e escapista de literatura, denominada “romance gótico”, combinando elementos de fantasia e sobrenatural, vistos sob a perspectiva do personagem principal e com uma trama impactante. (PARRY, 2012, p. 77).

A fantasia e o sobrenatural, contudo, não podem ser observados como elementos meramente escapistas. O fantástico e o sobrenatural, como temas, agem de modo a subverter tabus e violar censuras: “a função do sobrenatural é subtrair o texto à ação da lei e com isso mesmo transgredi-la” (TODOROV, 1992, p. 168). Desse modo, se no século XIX os temas do sobrenatural encobriam as questões sexuais e os demais desejos proibidos, no século XX, em específico na América Latina, o sobrenatural e o maravilhoso ingressaram no realismo mágico, acionando metáforas que de todas as formas se insurgiam contra a censura das ditaduras cívico-militares da segunda metade do século XX. As histórias sobrenaturais franquearam limites inacessíveis na ordem de temáticas relacionadas ao corpo e ao prazer um século antes, da mesma forma como, durante repressão liberal, buscaram superar as imposições no campo político e social.

Isso implica dizer que as narrativas que trabalham com a fantasia, com o sobrenatural, com o terror, com o inexplicável, não necessariamente são textos de evasão. Podem muito bem oferecer um manancial simbólico de todo o modo contextualizado, potencialmente construídos nas referências de uma semântica de reais provocações à ordem, ao imposto, ao que se define como proibido. Assim, o que pode ser lido como mero entretenimento pode estar vinculado a um prazer superior, “mais alto”, que guarde em si a utilidade de uma esfera de atividade de instrução, pois a utilidade da literatura é “uma seriedade aprazível” (WELLEK; WARREN, 1976, p. 34). *O caso Laura*, embora ainda “congelado pela crítica”, é um texto aberto a leituras e a interpretações.

5 Registro da leitura

Compartilhar suas vivências e experiências de leitura no grupo do Facebook, Pré-Jornada 2013 (www.facebook.com/jornadasliterarias), postando declarações, vídeos, fotografias, entre outros, relacionados às discussões realizadas a partir da leitura e das questões.

6 Links

A narrativa de Vianco tem relações perceptíveis com os dois “lados” da produção artística: seu texto busca componentes seja na literatura reconhecida como arte, seja na narrativa dita de entretenimento, no cinema, nas histórias em quadrinhos. Há no texto de Vianco, em especial em *O caso Laura*, em certa medida, o encadeamento do conto policial clássico de Edgar Allan Poe, e mesmo de Conan Doyle e Agatha Christie, em uma estrutura narrativa que apresenta uma investigação, com posterior revelação do mistério. O cinema, em grande medida, usou dessa estrutura, nos anos 40, por exemplo, nos filmes *noir*. Nesse gênero, Humphrey Bogart foi o maior astro desse tipo de filme, interpretando detetives particulares adaptados das novelas policiais de sucesso, como *The Maltese Falcon*, de Dashiell Hammett. Na mesma linha *noir*, mas ingressando no sobrenatural, nos anos 80, foi produzido o filme *Angel Heart* (no Brasil, *Coração satânico*), dirigido por Alan Parker, com Mickey Rourke como protagonista. Em linha semelhante, pode ser citado o filme *Constantine*, de 2005, dirigido por Francis Lawrence. O filme é uma adaptação para o cinema da personagem das histórias em quadrinhos John Constantine, protagonista da revista *Hellblazer*. O filme é estrelado por Keanu Reeves. No que se refere ao elemento sobrenatural ou mágico da obra de Vianco pode-se referir ainda o filme *City of Angels* (*Cidade dos Anjos*, no Brasil), *remake* norte-americano produzido em 1998 e dirigido por Brad Silberling a partir da película alemã *Der Himmel über Berlin*, realizada, em 1987, pelo diretor alemão Wim Wenders.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética*. São Paulo: Hucitec, 1988.
- PARRY, Roger. *A ascensão das mídias: a história dos meios de comunicação de Gilgamesh ao Google*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.
- PENA, Felipe. *Geração subzero: 20 autores congelados pela crítica, mas adorados pelos leitores*. Rio de Janeiro: Record, 2012.
- PIGLIA, Ricardo. *O último leitor*. São Paulo: Cia das Letras, 2006.
- SANTAELLA, Lúcia. *Por que as comunicações e as artes estão convergindo?*. São Paulo: Paulus, 2005.
- TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- VIANCO, André. *O caso Laura*. Rio de Janeiro, Rocco, 2011.
- _____. *Blog do Vianco* [Site]. Disponível em: <<http://blogdovianco.com>>. Acesso em: 10 abr. 2013.
- WELLEK, René; WARREN, Austin. *Teoria da literatura*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1976.

Blog

WWW.

thealchemists.

com/blog, de

Bárbara Mota



1 Autor

A obra em questão nesta prática leitora suscita, de partida, uma discussão sobre a autoria. Vamos fazer a leitura do blog www.thealchemists.com/blog, portanto seria óbvio escrever aqui uma breve biografia do autor do blog. Eis o primeiro problema: trata-se de um blog mantido por uma empresa. Seria possível, então, escrever sobre a empresa; mas aí surge outra questão a ser ressaltada: a empresa trabalha com o conceito de *transmedia storytelling*; sendo assim seu conteúdo é baseado em histórias, que são feitas por pessoas em diferentes plataformas e suportes. Por conseguinte, seriam esses os autores cujas vidas deveriam ser aqui resumidas. Apresenta-se, então, a pergunta que não quer calar: quem são esses autores? Aqueles contratados pelas empresas? Os roteiristas das séries televisivas, filmes, etc.? Os publicitários? Os leitores que interagem? Eu? Você?

Talvez a melhor saída seja defini-los como eles próprios se definem: “Os elementos da nossa alquimia são: contadores de histórias + engenheiros + especialistas em *fan culture* + produtores transmídia + pensadores de novos modelos de negócios + viciados em cultura pop”.

E citar os 13 nomes que aparecem no blog sem muitos detalhes (que podem ser consultados em poucos cliques): Maurício Mota, Mark Warshaw, Bárbara R. Mota, Flourish Klink, Albert Page, Darin Mark, Amy Kaufman Levy, Alexandra Varassin, Danielle Meres, Fernando Queiroz, Emerson de Moraes, Rogério S. Andrade e Carolina Orofino.

2 Obra

The Alchemists é um blog mantido por uma empresa global de *transmedia storytelling*. Como toda empresa, não se pode esquecer que o objetivo final é a gera-

ção de lucros. O interessante aqui é que o caminho para o resultado é algo que faz parte do espírito do tempo em que vivemos, ou seja, a era da tecnologia. Embora não seja esta o principal foco – mas as narrativas – é impossível não constatar o quanto ela tem revolucionado o mundo com suas múltiplas possibilidades e o imediatismo da informação. É nisto que consiste o blog: uma das inúmeras plataformas existentes para divulgação de um trabalho de interação com o público. Lá há textos, fotos e vídeos sobre o trabalho de criação de narrativas em diferentes mídias para a construção de relacionamentos e geração de fãs das marcas-clientes.

3 Contexto

Não está mais no porvir a geração conectada. Estamos aí. E viemos para ficar. A questão é que não sabemos exatamente onde, já que o mundo não é, está sendo. O que agora é, amanhã já foi. Se por muito tempo se tentou dicotomizar real x virtual, ficção x realidade, o contexto atual derruba todas essas fronteiras e outras mais.

Quem somos? Pessoas? Avatares? Personagens?

Mudadas as mídias e plataformas, mudada a itinerância identitária, mudado o mundo, não seria simplesmente óbvia a mudança da forma como o lemos? Sim, a leitura, pois quicã a única coisa que realmente permanece inalterada através dos tempos é a necessidade de contar histórias. Com isso, o que fazer das “Leituras jovens do mundo”?

4 Questões suscitadas - leituras

Sobre algumas funções da literatura, diz-nos Eco:

[...] também os personagens literários correm o risco de se tornarem evanescentes, móveis, inconstantes, e de perderem aquela sua fixidez que nos obrigava a não negar seus destinos. Entramos na era do hipertexto, e o hipertexto eletrônico não apenas nos permite viajar através de um novelo textual [...] sem necessariamente “desfiar” toda a informação que contém, penetrando-o como um (sic) agulha de tricô em um novelo de lã.

Graças ao hipertexto nasceu também a prática de uma escritura inventiva livre. (ECO, 2011, p. 18-19)

A partir disso, é possível pensarmos e discutirmos algumas questões. Ei-las:

- Não são os leitores atuais, ao se apropriarem dos textos e com eles interagir, também autores? Quais os limites entre leitor e autor?
- Com a extensão da mídia da realidade do papel para a virtualidade da tela (seja ou não *touch screen*) e a possibilidade de ser parte ativa das histórias, como ficam os limites entre leitor e personagem? E se o leitor é também autor, como ficam os limites entre autor, leitor e personagem? É possível se ocupar um papel de cada vez ou todos ao mesmo tempo?
- Quanto às multitarefas, elas tornam a leitura superficial? O excesso de estímulos impede a concentração profunda?
- Com a extensão virtual das identidades (avatares, perfis em redes sociais), como ficam as relações reais (no sentido de físicas, dos corpos)? Nos inúmeros universos paralelos, onde fica o mundo real?

- O que a linguagem oriunda da internet vem fazendo e/ou fará com a língua? Será ameaçadora? Será enriquecedora? Caminhamos para uma língua universal? Se sim, o processo é democrático ou impositivo?
- Num mundo de aparências, o que há por trás das narrativas? Servem as ficções para transformação social ou para mera geração de lucros? O que têm as narrativas transmidiais de potencial revolucionário em relação à educação?
- Num mundo cuja cultura foi construída com base no registro, na palavra escrita em suporte físico, o que podemos dizer sobre a mudança para a virtualidade? Será ela demasiado frágil? Que interações fazem os dois mundos coexistirem, ou será que toda a cultura pregressa será esquecida e descartada, ou, ainda, ficará morta em forma de tinta e celulose?
- Quanto aos vários suportes, são eles democráticos ou socialmente excludentes? O que fazer para que a convergência de mídias seja acessível a todos, criando assim uma verdadeira *world wide web*?

Não acabam aqui os pontos a ser debatidos, tratam-se apenas de aspectos para que o debate tenha início, já que, dada a natureza hipertextual dos que dele participam, os argumentos podem prosseguir *ad eternum*.

5 Registro da leitura

Compartilhar suas vivências e experiências de leitura no grupo do Facebook, Pré-Jornada 2013 (www.facebook.com/jornadasliterarias), postando declarações, vídeos, fotografias, entre outros, relacionados às discussões realizadas a partir da leitura e das questões.

6 Links

A leitura do blog traz muitas referências a séries de TV americanas, transmitidas no Brasil por canais de TV a cabo. São alguns exemplos: *The Big Bang Theory*, *Smallville*, *Heroes*, *The Walking Dead*, entre outras. Há também referência a alguns filmes, como a trilogia *Jogos Vorazes*, cujo primeiro título já foi lançado. A empresa *The Alchemists* foi responsável pela campanha de transmídia de algumas delas, a outras faz apenas referência como forma de estudos.

Podemos encontrar também referência a eventos, como o Comic-Con, evento de *fan-industry* sediado nos Estados Unidos.

Uma importante referência é ao livro *Cultura da convergência*, de Henry Jenkins, professor que trabalha com o conceito de *transmedia storytelling*. Mas talvez a mais interessante seja a referência, num dos vídeos, às mil e uma histórias contadas por Sherazade para o rei na tentativa de salvar a vida dela. Vemos aí que a ideia do hipertexto não é tão nova assim, o que mudou foi sua interpretação.

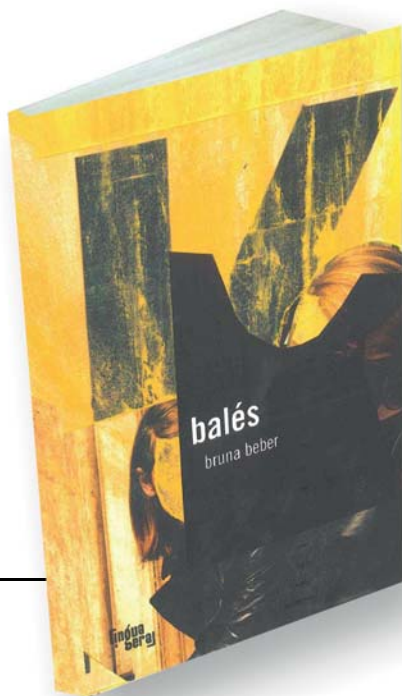
Referências

ECO, Umberto. Sobre algumas funções da literatura. In: _____. *Sobre a literatura*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2009.

THE ALCHEMISTS. *The Alchemists*. [Blog]. Disponível em: <<http://www.thealchemists.com/blog/>>. Acesso: 10 abr. 2013.

Balés (Língua Geral), de Bruna Beber



Paulo Ricardo Becker – Doutor em Letras

1 Autor

Bruna Beber nasceu no Rio de Janeiro, em 1984. É autora de *A fila sem fim dos demônios descontentes*, de 2006; *Balés*, de 2009; e *Rapapés & apupos*, de 2012. Tem poemas publicados na Alemanha, Argentina, Espanha, Itália, México e Portugal. Participou das antologias *Caos portátil: poesia contemporânea del Brasil*; *Poesia do dia: poetas de hoje para leitores de agora*; *Traçados diversos: uma antologia de poesia contemporânea*; *BLABLABlogue: crônicas e confissões*; *Enter: antologia digital* e *Otra Línea de Fuego: Quince poetas brasileñas ultracontemporâneas*. Fez parte da quinta edição do projeto Portfólio, do Itaú Cultural, a convite do escritor Nelson de Oliveira, e escreveu o conto *As irmãs passionistas* para a instalação fotográfica do artista plástico Alexandre Siqueira. Participou também da Mostra Sesc de Artes de 2008, no projeto Poema Passageiro, de Ricardo Silveira, que colocou em circulação poemas de dez escritores contemporâneos brasileiros em mais de quinhentas televisões de aeroportos, livrarias, metrô e ônibus da cidade de São Paulo. Fez a curadoria da exposição *Blooks: Letras na rede*, ao lado do poeta Omar Salomão, em setembro de 2007, no Oi Futuro do Rio de Janeiro, sob coordenação de Heloísa Buarque de Hollanda.

2 Obra

O livro apresenta 38 poemas curtos, em verso livre, compostos por dísticos (6), tercetos (26), quartetos (3) ou estrofes de tamanho misto (3). A tendência para o uso de tercetos, na maior parte dos poemas, talvez tenha a ver com uma inclinação, consciente ou inconsciente, da autora para o haicai. De fato, em parte dos poemas, as estrofes possuem certa autonomia, podendo ser lidas separadamente das demais sem grande

prejuízo de seu significado. Grosso modo, poderíamos dizer que esses poemas (não são todos, mas uma parcela significativa) são resultantes do acoplamento ou da justaposição de haicais. Um exemplo disso se encontra em "dotes":

coleciono mas não leio
cartas antigas, anúncios de almanaque
em latas de goiabada nolasco

sei que estou em permanente mudança
porque todos os dias abro e fecho
gavetas e caixas

[no entanto] aprendi pouco sobre apostas
e temporais, só sei que levam
muito mais do que trazem.

(BEBER, 2009, p. 43)

Repare o leitor que, se retirarmos do início da última estrofe a expressão "no entanto" (colchetes meus), que frouxamente a une à estrofe anterior, todos os tercetos poderiam ser lidos, isoladamente, como haicais, e não fariam feio.

Os temas abordados pela autora em *Balés* são típicos da lírica. Os encontros e desencontros amorosos constituem o tema dominante do livro, e encontram soluções poéticas muito interessantes em poemas como "dorsal", "artigos para presente", "ímpar", "janeiro" e "pares". A infância é retratada em "poema para encorajar hélices" e "gangorra". O tempo ocupa lugar importante em poemas como "móvel", "rifa", "lagoa" e "dotes". É a metapoesia, prática constante dos vates modernos, aparece em "barragem", "anéis", "paraquedistas", "catavento" e "brincos".

3 Contexto

Bruna Beber, poeta ainda jovem, apesar da trajetória já exitosa, dialoga em *Balés* com os jovens contemporâneos, falando de assuntos que interessam aos jovens na linguagem rápida e sintética, quase telegráfica, que os jovens também utilizam. Transcrevo, abaixo, o terceiro poema, cujas características formais dão uma ideia bastante próxima do modo de composição adotado pela autora ao longo da obra.

barragem

1 deve ser perigoso
2 esse gosto recorrente
3 de incêndio na boca

4 mas não há saliva pra apagar
5 e não há saliva que apague
6 por isso falo pouco

7 não sei o que de fato queima
8 fecho a boca e o fogo sai
9 pelo nariz

10 respiro mal, meu ar é qualquer fumaça
11 queria um gosto bom, queria pernas
12 pra sair correndo.

(BEBER, 2009, p.15)

Como se pode observar, não há maiúsculas no poema, nem no título, nem no início dos períodos que compõem os versos, e a pontuação praticamente se resume ao ponto final colocado no fecho do último verso, exceção feita às duas vírgulas no terceto final. Essa apresentação lembra imediatamente as liberdades ortográficas introduzidas na poesia por Oswald de Andrade e outros modernistas, na primeira metade do século XX, e já sugere uma expressão solta, descontraída, desatenta a normas e convenções.

Os versos são, igualmente, livres, variando de quatro sílabas métricas (v. 9) a 11 sílabas métricas (v. 10). As poucas rimas, dispersas, são toantes, espécie de ecos esbatidos ou longínquos (perigoso/boca/pouco; recorrente/queima/correndo; apagar/apague/sai/fumaça), que fogem da repetição exata da rima consoante.

Em contraposição a esta aparente fluidez e liberdade da composição, o título, "barragem", traz as ideias de barreira, obstáculo, impedimento. Porém, observando mais de perto o texto das quatro estrofes, notamos logo a atitude de contenção que leva o sujeito lírico a falar pouco (v. 6) e a fechar a boca (v.8). Os versos são, de fato, curtos, e se resumem a uma dúzia. Desse modo, a contradição inicialmente percebida, entre título e texto, fica em suspenso. O sujeito lírico sente a boca, ou a língua, ou a linguagem poética, como um obstáculo à livre expressão daquilo que o toma por dentro (o incêndio - v. 3, o fogo - v. 8). Em outros termos, o eu-lírico sente que a linguagem é insuficiente para dizer o mundo, fato que os românticos do século XIX já haviam verificado, e seus sucessores não deixaram de reconhecê-lo.

Vale lembrar aqui, rapidamente, os versos de fundo incontestavelmente romântico de Bilac, no soneto "Inania verba", pela proximidade que a imagem da lava, que utiliza, possui com as de incêndio e fogo no poema de Bruna: "O Pensamento ferve, e é um turbilhão de lava: / A Forma, fria e espessa, é um sepulcro de neve..." Para Bilac, a Forma, alegorizada pelo uso da maiúscula inicial, é mais que barragem para o Pensamento, também personificado: é seu sepulcro inescapável. Já Bruna, no poema "Ludíbrio", que inicia *Balés*, fala sugestivamente em "enterrar cada parte" e "construir um cemitério", referindo-se a operações usadas para recalcar uma emoção indefinida.

Outro autor que aborda o descompasso entre o pensamento e a expressão poética, de forma sarcástica, é o simbolista Augusto dos Anjos, no soneto "A ideia". O texto descreve o tortuoso caminho percorrido pelo pensamento, desde o cérebro ("feixe de moléculas nervosas"; "encéfalo absconso") até os órgãos da fala ("cordas da laringe", "língua parálitica"), para constatar, afinal, o fracasso da empresa, uma vez que, no termo do trajeto, o pensamento já debilitado ao extremo pelo esforço da objetivação esbarra no "molambo da língua parálitica". Note-se, na chave de ouro de Augusto dos Anjos, a ambivalência do vocábulo língua, que tanto pode referir-se ao órgão do corpo envolvido na fala quanto à linguagem articulada através da qual os seres humanos se expressam e se comunicam entre si.

Ainda, num registro lacônico, o mesmo tema aflora em vários momentos no modernista Drummond. Bastem três exemplos: "Gastei uma hora pensando um verso / que a pena não quer escrever." ("Poesia"); "A poesia é incomunicável." ("Segredo"); "Este verso, apenas um arabesco / em torno do elemento essencial - inatingível." ("Fragilidade"). A impotência para expressar suas reais vivências interiores parece constituir-se, afinal, em uma marca característica dos poetas modernos, tomando-se por modernos, aqui, aqueles poetas que, desde Baudelaire, buscaram na poesia o lugar para a expressão do mal estar

do sujeito aprisionado pelas teias da civilização técnica e da existência padronizada e massificada das metrópoles.

Voltando ao poema "barragem" a partir dessa perspectiva mais ampla oferecida pela poesia moderna, percebemos, desde logo, que o obstáculo à autoexpressão identificado pelo sujeito lírico, no texto de Bruna Beber, aponta para um fenômeno mais amplo, que faz parte daquilo que Adorno, em seu ensaio sobre "Lírica e sociedade", chama de "corrente subterrânea coletiva". Em outras palavras, aquele incêndio, ou fogo, que lavra por dentro do sujeito, não pode (ou não deve) ser expresso, não pode (ou não deve) ser objetivado, pois representa um perigo (v. 1) para o próprio sujeito, à medida que lhe confere uma singularidade em meio à massa. O sujeito lírico luta com as forças e os elementos de que dispõe, como a saliva (vv. 4 e 5), ou mesmo o fechamento da boca (v. 8), para esconder a chama de sua singularidade, mas tudo é em vão, já que o fogo não se deixa prender de todo, e acaba escapando-lhe pelas narinas (vv. 8 e 9). Nesse momento do poema, o sujeito lírico, a pôr fogo pelo nariz, lembra a figura um tanto insólita e, no contexto do poema, até mesmo cômica, de um dragão amedrontado, tentando esconder sua verdadeira natureza e fazer passar-se por um ser humano comum.

É lícito associarmos o sujeito lírico de "barragem" à autora, uma vez que estamos diante de um metapoema, através do qual Bruna Beber explicita suas próprias concepções sobre a poesia e o ato de poetar. É através da escrita do poema que a autora alcança revelar (ao mesmo tempo mostrar e ocultar) elipticamente, como no arabesco de Drummond, os dragões ou demônios que a habitam e a consomem, e que não pode deixar vir à tona na vida cotidiana, sob pena de, no mínimo, ver questionada sua sanidade mental.

O fecho do poema remete a dois desejos do sujeito lírico / da autora: primeiro, o de possuir, em vez do fogo, um "gosto bom" (v. 11) na boca e, provavelmente, poder tagarelar amavelmente com todos e como todos; segundo, o de evadir-se, de fugir para longe, quem sabe rumo a alguma imaginária Pasárgada, onde todos os desejos pudessem se transformar em realidade, ao modo de Manuel Bandeira ("queria pernas / pra sair correndo." - vv. 11 e 12). Entretanto, esses desejos contrastam com a realidade imediata do sujeito lírico / da autora, expressa no verso 10, justamente o mais longo do poema e aquele que abre o terceto final: "respiro mal, meu ar é qualquer fumaça". Num poema quase todo escrito em registro simbólico, salta aos olhos esse verso que fixa, em registro realista, um *flash* vigoroso da vida urbana moderna: a cena do indivíduo transitando pelos espaços poluídos e sufocantes, fatalmente insalubres, da cidade grande.

Resta assim, ao final do poema, o sentimento solidário de amargura na boca do leitor. Uma barragem. Uma pedra no meio do caminho. Mas há os poemas de Bruna, de Drummond, de tantos outros, e através deles nossas solidões se comunicam.

4 Questões suscitadas - leituras

No poema "pares", Bruna Beber (2009, p. 45) inicia afirmando: "dentro do nó um laço / que dissonou". É um exercício de pensamento e imaginação tentar entender esses dois versos: o que é, afinal, um laço dissonante dentro de um nó? Talvez, no contexto do poema, o leitor possa chegar a uma resposta mais ou menos plausível. Ou não, já que o restante do poema é constituído por apenas mais quatro versos, distribuídos em dois dísticos igualmente enigmáticos: "é assim a dança / das tentativas // uma hora é encontro / noutra vapor."

Entretanto, a estranheza da imagem persiste, mesmo após uma interpretação x ou y. Trata-se de uma daquelas imagens típicas da poesia moderna que, segundo Hugo Friedrich, em *Estrutura da lírica moderna*, são utilizadas pelos poetas para atingir antes a sensibilidade do que o entendimento do leitor.

A poesia de Bruna Beber não embala o leitor com versos rimados, ritmados, melódiosos e transparentes em relação ao significado. Pelo contrário, seus versos são ásperos, duros, opacos e dissonantes, como o são, segundo Friedrich, os versos dos grandes poetas modernos, nos quais a poesia veio a colocar-se em oposição a uma sociedade preocupada com a segurança econômica da vida.

É possível encontrar essas dissonâncias em outras formas artísticas com as quais dialoga o texto de Bruna Beber, como a dança (título do livro), a música (ver "último tango"), a pintura e a fotografia (ver "galerie" e "anéis")? E o grande público, já terá incorporado aos seus pressupostos estéticos a legitimidade artística da dissonância?

5 Registro da Leitura

Compartilhar suas vivências e experiências de leitura no grupo do Facebook, Pré-Jornada 2013 (www.facebook.com/jornadasliterarias), postando declarações, vídeos, fotografias, entre outros, relacionados às discussões realizadas a partir da leitura e das questões.

6 Links

<http://didimocolizemos.wordpress.com/>

<http://www.avoadinossauro.org/>

Referências

ANJOS, Augusto dos. *Toda a poesia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

BEBER, Bruna. *Avoa dinossauro*. [blog]. Disponível em: <www.avoadinossauro.org/>. Acesso em: 10 abr. 2013.

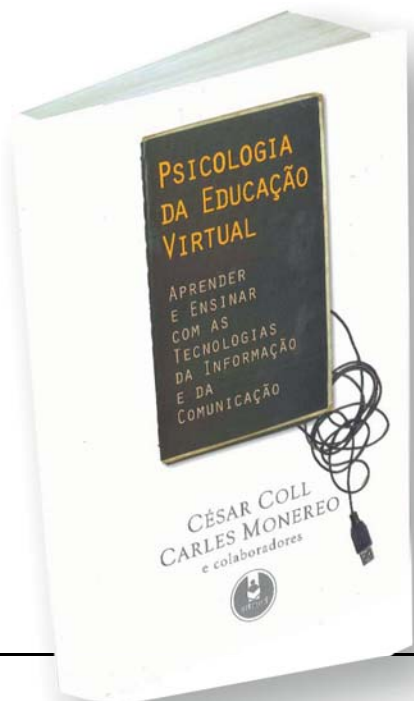
_____. *Balés*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2009.

BILAC, Olavo. *Os melhores poemas de Olavo Bilac*. São Paulo: Global, 1985.

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.

FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna*. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

Psicologia da educação virtual: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação (Artmed), de Cesar Coll e Carles Monereo



Lauro Gomes - Mestrando em Letras –
PPGL/UPF

1 Autores

César Coll é professor de psicologia evolutiva e de educação na Universidade de Barcelona, na Espanha. Foi um dos principais coordenadores da reforma educacional espanhola e, aqui no Brasil, foi consultor do MEC na elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Ao lado de Edgar Morin e Philippe Perrenoud, César Coll é um dos pensadores mais lidos na área da Educação.

Carles Monereo é professor de psicologia da educação na Universidade Autônoma de Barcelona. Coordena a equipe de pesquisa SINTE, reconhecida pela Generalitat de Catalunya, e o doutorado em educação (DIPE) de sua universidade. Suas principais linhas de pesquisa são: consultoria em estratégias de ensino e aprendizagem, a formação da identidade profissional docente através de incidentes críticos e do impacto das TIC sobre as formas de ensino e aprendizagem.

2 Obra

Organizada em 17 capítulos, divididos em quatro partes, *Psicologia da educação virtual: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação* trata sobre a educação e a aprendizagem em ambientes virtuais e, ao mesmo tempo, posiciona-se de maneira clara e explícita no âmbito da psicologia, mais especificamente, da psicologia da educação. Renomados pesquisadores da Espanha e da França reuniram-se neste livro, organizado por César Coll e Carles Monereo, com o objetivo de contribuir e compensar a carência desse assunto por meio da adoção de um ponto de vista psicológico, ao estudar os processos educacionais que ocorrem em ambientes que se apoiam total ou parcialmente na utilização das TIC.

Praticamente todos os autores desse livro adotam algum tipo de enfoque construtivista de orientação sociocultural na apresentação e revisão dos temas que abordam, em sua valoração do estado da arte, nos desafios que identificam e em sua tentativa de estabelecer a agenda da pesquisa em psicologia da educação virtual.

No que se refere ao peso relativo dos fatores tecnológicos, pedagógicos ou psicopedagógicos no planejamento e desenvolvimento dos processos educacionais que se apoiam nas TIC, parte-se do princípio de que existe uma inter-relação e influência recíproca entre ambos os tipos de fatores. A adoção desse princípio significa renunciar, na medida do possível, a duas posturas ou colocações amplamente presentes nos trabalhos que indagam a respeito do uso – ou do impacto – das TIC nos fenômenos e processos educacionais. Renunciar à ideia de que a introdução das TIC na educação constitui, em si, um elemento inovador e transformador das práticas educacionais e renunciar, também, à ideia de que as TIC devem ser consideradas como mais um entre os elementos ou fatores que podem intervir nos fenômenos e processos educacionais, de modo que sua potencialidade para transformar e melhorar a educação não reside nas próprias TIC, mas nas propostas psicopedagógicas e didáticas a partir das quais se defende a sua utilização.

Em linhas muito gerais, a primeira parte do livro, formada por três capítulos, articula-se em torno dos fatores históricos, socioeconômicos, tecnológicos, psíquicos e socioevolutivos que influenciaram no acelerado desenvolvimento das TIC na última década e que, por sua vez, foram influenciados por estes. A segunda parte se concentra nos três elementos que formam o denominado triângulo interativo, ou triângulo didático: os alunos, os docentes e os conteúdos. No caso dos ambientes de aprendizagem *on-line* baseados nas tecnologias digitais da informação e da comunicação, a esses elementos soma-se um outro, as TIC, que não apenas dão suporte às interações entre os três anteriores como transformam profundamente essas interações.

A terceira parte congrega alguns dos ambientes virtuais de ensino e aprendizagem – materiais autossuficientes, sistemas especialistas de emulação, análise de casos e resolução de problemas (PBL), aprendizado colaborativo, representação visual, plataformas e padrões de *e-learning* e comunidades virtuais; e a quarta parte do livro é composta por quatro capítulos que tratam sobre outros tantos blocos de competências de caráter geral ou transversal, considerados em praticamente todos os relatórios internacionais sobre os desafios da educação no século XXI como habilidades imprescindíveis para a sobrevivência na sociedade-rede: a alfabetização digital, as estratégias de aprendizagem, as múltiplas modalidades de comunicação e a busca seletiva de informação em ambientes digitais.

3 Contexto

As reflexões postas à disposição no livro *Psicologia da educação virtual* vêm a contribuir na busca de esclarecimentos numa época em que se assiste não apenas a significativas mudanças no comportamento dos jovens nas diferentes esferas da sociedade-rede do século XXI, como também a uma produção e consumo em massa de equipamentos tecnológicos que despertam o interesse desse grupo social – já que, nesse contexto, grande parte dos professores ainda não tem clareza de como agir frente a tantas transformações. Em meio a um contexto de inseguranças, muitos professores acabam optando, muitas

vezes, por estratégias de ensino que não se adéquam mais ao seu público-alvo, o que, notadamente, acaba por comprometer ainda mais a qualidade da educação de nosso país.

Nesse sentido, este livro dispõe claramente como aprender e ensinar com as Tecnologias da Informação e da Comunicação, por meio de uma fundamentação teórica muito bem solidificada, em cujas abordagens se respondem a muitas questões relacionadas à mediação de leituras em diferentes suportes virtuais. Cumpre destacar que todos os textos que compõem o livro estão diretamente relacionados ao tema da 15ª Jornada Nacional de Literatura, “Leituras jovens do mundo”. Afinal de contas, é um equívoco pensar que os jovens não leem, pelo contrário, eles leem e escrevem, mas, agora, na internet. É, portanto, fundamental que se saiba como mediar essas “leituras do mundo” e como orientar esses “jovens do mundo”.

4 Questões suscitadas - leituras

Ao longo da leitura dos textos que compõem o livro, além de ser possível dialogar com seus autores, tendo em vista a aproximação que o conteúdo temático de todos eles estabelece com a realidade, muitas outras vozes de outros teóricos dialogam ora nas entrelinhas ora marcadas explicitamente por meio das citações. Nesse sentido, ao longo da leitura, muitos pontos de vista assumidos pelo leitor são abandonados, quando as inúmeras perguntas formuladas, ainda antes de abrir o livro, vão sendo respondidas. Citam-se algumas questões possíveis: será que é realmente possível ensinar na frente de um computador? Em que medida as TIC devem fazer parte do currículo? Será que o acesso dos jovens às TIC já garante, em parte, seu aprendizado? Que competências um jovem precisa adquirir na escola para ser capaz de participar da sociedade deste século? Dentre tantas outras perguntas, essas são respondidas ao longo da leitura dos artigos, muitas das quais já são bem esclarecidas pelo texto de abertura, “Educação e aprendizagem no século XXI: novas ferramentas, novos cenários, novas finalidades”, escrito pelos próprios pesquisadores César Coll e Carles Monereo. Enfim, *Psicologia da educação virtual* é uma excelente indicação de leitura não só àquelas pessoas que se interessam pelo tema abordado nesse livro, mas também àquelas que, de alguma forma, participam na educação dos jovens deste século.

5 Registro da leitura

Compartilhar suas vivências e experiências de leitura no grupo do Facebook, Pré-Jornada 2013 (www.facebook.com/jornadasliterarias), postando declarações, vídeos, fotografias, entre outros, relacionados às discussões realizadas a partir da leitura e das questões.

6 Links

Para um maior diálogo com o livro e/ou autores a respeito da temática da obra, podem-se, entre outras, consultar as seguintes referências: *Desenvolvimento psicológico e educação*: psicologia da educação, organização de César Coll, Álvaro Marchesi e Jesús Palacios; *Aprendizagem escolar e construção do conhecimento*, de César Coll; http://www.crmariocovas.sp.gov.br/ent_a.php?t=011 e <http://www.carlesmonereo.com/>.

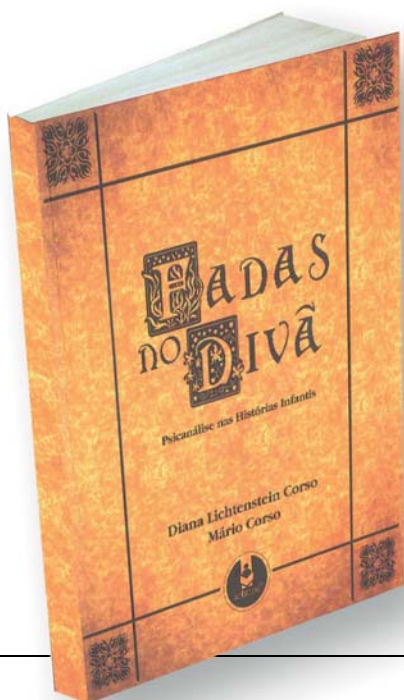
Referências

COLL, César; MONEREO, Carles. *Psicologia da educação virtual: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús (Coord.). *Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia da educação*. Vol.2. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

COLL, César. *Aprendizagem escolar e construção do conhecimento*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis (Artmed), de Diana Lichtenstein Corso e Mário Corso



Luciana Lhullier Rosa - Mestre em Letras

1 Autores

Diana Lichtenstein Corso é Psicanalista Membro da APPOA (Associação Psicanalítica de Porto Alegre). Formada em Psicologia pela UFRGS, trabalhou com crianças e no campo dos problemas de desenvolvimento infantil junto ao Centro Lydia Coriat de Porto Alegre e em várias outras instituições. Atualmente atende jovens e adultos. É colunista desde 2001 do Segundo Caderno, suplemento cultural do jornal Zero Hora, da Revista Vida Simples, além de participações em várias antologias e revistas. Publicou o livro *Fadas no Divã: psicanálise nas histórias infantis*, em 2005, e *Psicanálise na Terra do Nunca: ensaios sobre a fantasia*, em 2010, ambos pela Ed. Artmed, escritos em parceria com seu marido Mário Corso.

Mário Corso é psicanalista, membro da APPOA (Associação Psicanalítica de Porto Alegre). Formado em Psicologia pela UFRGS, trabalha com adolescentes e adultos. Em 2002, lançou *Monstruário: inventário de entidades imaginárias e de mitos brasileiros*, pela editora Tomo, Menção Honrosa do prêmio Jabuti, numa tentativa de revitalizar figuras esquecidas do folclore nacional.

2 Obra

Sob o ponto de vista da Psicanálise, a exemplo de Bruno Bettelheim, e a partir da experiência diária em seu consultório e também como pais, os autores de *Fadas no Divã* convidam o leitor que, como eles, sente-se pessoalmente envolvido com as histórias ouvidas na infância, a uma análise do que elas podem representar. É um livro que coloca o leitor em contato com sua própria infância e o auxilia a compreender melhor a infância de um modo geral. Segundo os próprios autores, “é também uma forma de aprender psicologia e psicanálise através das histórias infantis”.

A questão inicial é a de qual seria a razão para as histórias e contos de fadas coletados do folclore terem sido reservados para a infância e qual o seu papel no psiquismo infantil. Uma das suposições é a de que a razão da sobrevivência dessas histórias que vêm de épocas tão antigas provém do fato de que elas ainda são relevantes como apoio para a compreensão e para a elaboração de fantasias relativas à vida em família, ao desenvolvimento das identidades sexuais e ao amor.

O casal Corso interpreta os principais contos de fadas clássicos para saber quais os mecanismos inconscientes que eles ativam, como fez Bruno Bettelheim em *A psicanálise dos contos de fada*, mas vai além e defende a ideia de que o século XX criou os seus próprios contos de fada modernos (Mario e Diana Corso apresentam, entre outras, histórias do século XXI em seu segundo livro, *A psicanálise na Terra do Nunca*) e dedica-se ao estudo de várias dessas histórias, tais como as de Peter Pan, Pinóquio, do Ursinho Pooh, até chegar em Harry Potter, passando, inclusive, pela brasileira Turma da Mônica.

A discussão sobre a infância contemporânea e as expectativas que depositamos nela se dá através das tiras de Mafalda, Calvin e Peanuts, assim como de um conto elaborado por Mário durante a infância de suas filhas, usado para demonstrar os conteúdos do inconsciente de um determinado núcleo familiar que se expressam numa experiência narrativa. O livro também visa a incentivar as famílias (e por que não também os professores?) a criar suas próprias histórias, a alterar ao seu gosto os contos clássicos e a compartilhar um acervo imaginário rico com as crianças.

3 Contexto

Saber o que está nas entrelinhas das histórias consumidas pelos jovens, em qualquer meio, seja o mesmo digital, através de imagens, sons, ou até mesmo no tradicional livro impresso é fundamental para quem exerce a tarefa de educador, tanto na família como na sala de aula. Como sugerem Mário e Diana Corso, “a psicanálise sente-se à vontade no terreno das narrativas, afinal, trocando em miúdos, uma vida é uma história, e o que contamos dela é sempre algum tipo de ficção” (CORSO; CORSO, 2006, p. 22).

4 Questões suscitadas - leituras

- Há suficiente envolvimento e conhecimento dos professores acerca do material de leitura de seus alunos fora do espaço da sala de aula?
- É correto afirmar que os jovens não leem, apenas porque não o fazem a partir da listagem de obras presentes nos currículos e no meio tradicional?
- É possível conhecer um pouco mais de um indivíduo a partir de suas escolhas de leitura e o que há nas entrelinhas dos textos escolhidos?
- Quais histórias dentro do universo narrativo dos contos de fadas seriam mais apropriadas para diferentes faixas etárias?

5 Registro da leitura

Compartilhar suas vivências e experiências de leitura no grupo do Facebook, Pré-Jornada 2013 (www.facebook.com/jornadasliterarias), postando declarações, vídeos, fotografias, entre outros, relacionados às discussões realizadas a partir da leitura e das questões.

6. Links

www.surlalunefairytales.com
www.endicott-studio.com
www.terriwindling.com
www.surlalunefairytales.blogspot.com.br
www.diamondsandtoads.com

Referências

- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fada*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- COELHO, Nelly Novaes. *O conto de fadas: símbolos, mitos, arquétipos*. São Paulo: Paulinas, 2012.
- COMPANHIA dos Lobos, A. Direção de: Neil Jordan. EUA, Reino Unido: Cannon Group, 1984.
- CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. *A psicanálise na terra do nunca*. Porto Alegre: Penso, 2011.
- _____. *Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- _____. Site oficial. Disponível em: <www.marioedianacorso.com>. Acesso em: 10 abr. 2013.
- ESTÉS, Clarissa Pinkola. *Contos dos Irmãos Grimm*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.
- TATAR, Maria. *Contos de fadas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

Nas entrelinhas do horizonte (Belas Letras), de Humberto Gessinger



Marlete Diedrich - Mestre em Letras

1 Autor

Músico com grande expressão na história do rock brasileiro, nasceu em Porto Alegre (RS), em 1963. Seus projetos musicais marcam a trajetória da banda Engenheiros do Hawaii e do duo Pouca Vogal. Há alguns anos tem se dedicado também à literatura, com obras como *Meu pequeno gremista* e *123 Variações sobre um mesmo tema*.

2 Obra

A obra *Nas entrelinhas do horizonte* foi publicada em 2012 pela Editora Belas-Letras, de Caxias do Sul (RS). O título é uma referência explícita à música “Infinita highway”, do álbum *A Revolta dos Dândis*:

Estamos sós e nenhum de nós
Sabe onde vai parar
Estamos vivos, sem motivos
Que motivos temos pra estar?
Atrás de palavras escondidas
Nas entrelinhas do horizonte dessa
highway
Silenciosa highway

O projeto gráfico do livro é inovador. As páginas chamam a atenção pelas cores: páginas amarelas com registros em letras pretas; e páginas pretas com registros em letras amarelas. O resultado desta combinação e do belo trabalho de design é um livro com aparência de revista, o que torna a leitura ágil e agradável.

Mais interessante do que o projeto gráfico, entretanto, é o conteúdo da obra: textos instigantes, marcados por um alto grau de subjetividade, revelam ao leitor sentimentos, emoções, pontos de vista do autor acerca de temas variados, como a perda, inocência, tecnologia, futebol, entre outros.

O texto se sustenta por um fio condutor baseado em reflexões aparentemente introspectivas e relatos de experiências vividas pelo autor, marcado pela linguagem

informal, com presença característica da oralidade, o que, sem dúvida, aproxima o texto do leitor, num simulacro interacional bastante envolvente. Ou seja, tem-se a impressão, ao ler a obra, de se estar conversando com o autor, uma vez que seu texto é permeado por expressões fáticas, interjeições, arranjos onomatopéicos, inserção de comentários parentéticos e tantas outras características que configuram o texto falado por escrito. No caso de textos dessa natureza, o meio pelo qual o texto é veiculado é gráfico, entretanto, o caráter conceptual do texto é falado, como atestam as marcas de oralidade citadas.

A crônica e a poesia marcam a obra, e, em alguns momentos, torna-se difícil dizer onde uma termina e onde a outra começa. Muitos versos presentes na obra são links com outras obras, essas musicais, criadas pelo autor. Assim, o caráter dialogal do texto mais uma vez se faz presente, trazendo para dentro da obra referências externas, mas interligadas a ela pela temática e pelo envolvimento do autor.

3 Contexto

Humberto Gessinger apresenta nesta obra uma *Leitura Jovem do Mundo*, já que revela inquietações, indagações que não se distanciam daquelas dos jovens de hoje, curiosos acerca de seu futuro, reflexivos em relação a um passado que muitas vezes ainda não passou, caracterizando-se como um presente um tanto confuso em suas memórias. A rapidez com que o mundo, a sociedade, as relações se transformam nos dias de hoje revelam um contexto inusitado, o qual põe o sujeito a refletir sobre a realidade que o cerca, sem muitas certezas ou conceitos pré-estabelecidos. Esta reflexão é apresentada na obra *Nas entrelinhas do horizonte*. O sujeito revelado na obra se dá a conhecer por suas ações e pensamentos num mundo em transformação constante, com tecnologias que se tornam obsoletas de um dia para outro, mas cujos princípios parecem consolidados no seio familiar, na relação com os amigos, no meio profissional. Esses princípios se opõem ao que se espera, muitas vezes, do estereótipo do músico famoso no meio do rock e ao que apregoa uma sociedade que se caracteriza, em grande parte, pelo culto ao material, ao status e ao glamour.

4 Questões suscitadas - leituras

A leitura de *Nas entrelinhas do horizonte* provoca reflexões acerca de aspectos fundamentais na formação do sujeito: relações familiares, talento, além de referências culturais, como músicas, filmes, futebol, entre outras. Por meio de relatos de experiências vividas no passado e no presente, o autor expõe seu ponto de vista diante de muitos fatos da vida cotidiana, que poderia ser a vida de qualquer leitor que se depara com a obra. No entanto, há uma dose de singularidade nos relatos que direcionam para a subjetividade dos fatos, há um EU que se manifesta nesses relatos e que convoca o leitor a conhecer um mundo que não é o seu, apesar de poder se identificar com ele em muitos momentos.

5 Registro da leitura

Compartilhar suas vivências e experiências de leitura no grupo do Facebook, Pré-Jornada 2013 (www.facebook.com/jornadasliterarias), postando declarações, vídeos, fotografias, entre outros, relacionados às discussões realizadas a partir da leitura e das questões.

6 Links

Humberto Gessinger mantém atualizado um blog, como ele mesmo diz, toda vez que a segunda se torna terça. Nesse blog, o leitor pode conferir outros textos do autor, compartilhar seus novos projetos musicais, entre outras experiências. Para tanto, basta acessar www.bloggessinger.blogspot.com.br. Além desse espaço virtual, é possível também ampliar o repertório com Humberto Gessinger acessando www.poucavogal.com.br, site do duo Humberto Gessinger e Duda Leindecker.

Muitos CDs marcaram a carreira de Humberto Gessinger e se revelam na obra *Nas entrelinhas do horizonte*, pois fazem parte da história de vida do autor. Entre eles, encontram-se *A revolta dos Dândis*, *O papa é pop*, *Simples de Coração*.

Referências

ENGENHEIROS do Hawaii. *A Revolta dos Dândis*. Brasil: BMG, 1987. 1 CD.

_____. *O papa é pop*. Brasil: BMG, 1990. 1 CD.

_____. *Simples de Coração*. Brasil: BMG, 1995. 1 CD.

GESSINGER, Humberto. *Nas entrelinhas do horizonte*. Caxias do Sul: Belas-Letras, 2012.

_____. *BloGessinger*. Blog. Disponível em: <www.bloggessinger.blogspot.com.br>. Acesso em: 10 abr. 2013.

Solidão no fundo agulha (Fundação Carlos Chagas), de Ignácio de Loyola Brandão



Gisela Lacourt – Mestranda em Letras –
PPGL/UPF

1 Autor

Ignácio de Loyola Brandão nasceu no ano de 1936, em Araraquara, São Paulo. Aos 20 anos, muda-se para a cidade de São Paulo onde passa a trabalhar como repórter, colunista e editor de variedades no jornal Última Hora. Em 1966, Loyola é contratado pela editora Abril e começa a trabalhar na revista *Cláudia*, uma das revistas de maior tiragem da época. A partir de então, várias foram as experiências do autor na edição de outras revistas e na organização de coleção de livros. Sua primeira publicação foi *Depois do sol*, livro de contos lançado em 1965. Com quase 50 anos de carreira como escritor, ele publicou mais de 30 obras, entre romances, livros de viagens, de contos, infanto-juvenis e biografias. Seus livros foram traduzidos para várias línguas: inglês, espanhol, alemão, italiano, húngaro, checo, coreano do sul. Em 2007, o livro *O menino que vendia palavras* ganha o Prêmio Fundação Biblioteca Nacional como O Melhor Livro Infantil daquele ano. Em 2008, esta mesma obra conquista o Prêmio Jabuti na categoria de Melhor Livro de Ficção. Atualmente, Ignácio de Loyola Brandão é cronista do jornal O Estado de S. Paulo. Na 15ª edição da Jornada Nacional de Literatura, ele será, mais uma vez, um dos coordenadores dos debates, e apresentará sua publicação mais recente: *Solidão no fundo da agulha*.

2 Obra

A obra *Solidão no fundo da agulha* é composta por 32 crônicas que falam de acontecimentos vividos pelo autor. Conforme Loyola mesmo defende em entrevista concedida à TV Cultura, não se trata de um livro nostálgico, mas, sim, de lembranças marcantes de momentos felizes de sua vida. As memórias escolhidas para compor o livro estão vinculadas a músicas que marcaram a

vida do escritor. Esse fato traz uma agradável surpresa ao leitor, pois o livro é acompanhado de um CD com onze faixas regravadas por Rita Gullo, filha de Loyola. Cada uma das músicas que compõe o CD está relacionada a um fato importante da vida do autor que é retratado nas crônicas. Na já referida entrevista, ele dá destaque para a música “Amado mio”, de Doris Fisher e Allan Roberts, pois essa canção está diretamente relacionada à sua carreira de jornalista e escritor. “Amado mio” é citada pela primeira vez no livro na crônica intitulada *Por que minha mãe aprovou a canção proibida na sala de música do hotel?*, na qual Loyola fala de uma situação em que estava em um hotel em São Paulo, acompanhado de alguns familiares, e sua prima Rita recebe a autorização para solicitar ao pianista que ele tocasse a música proibida. “Amado mio”, interpretada por Rita Hayworth, foi tema do filme *Gilda* (1946), dirigido por Charles Vidor, que foi considerada uma produção muito ousada para os padrões morais da época, sendo, por esse motivo, censurado pela igreja católica. Essa proibição causava verdadeiro fascínio no menino de doze anos que ficava ouvindo da rua a canção que saía da cabine do projetista no cinema de Araraquara. Anos mais tarde, já com 21, o jovem Ignácio circulava pelas ruas de São Paulo, impelido a regressar à cidade natal, pois não tinha mais dinheiro para se manter na capital, para onde fora em busca de emprego. Quando passava por uma loja de discos, ele é desviado do seu trajeto pela repetida e inebriante melodia de “Amado mio”, e, nesse exato momento, encontra Amaury Medeiro, um jornalista também vindo de Araraquara, que o convida para trabalhar no jornal Última Hora. A partir de então, Ignácio de Loyola Brandão inicia sua carreira como jornalista e escritor. Do mesmo modo que “Amado mio”, as outras canções do CD acompanham memórias marcantes do autor, num misto de sensações. Quando interrogado sobre a veracidade dos fatos tratados no livro, Loyola diz que viveu todos eles, mas a forma como apresenta cada um deles certamente é ficcional, já que a memória, de acordo com ele, também é uma ficção.

3 Contexto

Solidão no fundo da agulha foi lançada recentemente, em 26 de março de 2013, e, ao relacioná-la com a 15ª Jornada Nacional de Literatura, que traz como tema “Leituras jovens do mundo”, fica a dúvida: será que um livro de memórias que trata de uma época bastante distinta da atual tem relação com leituras jovens? É impossível pensar em algo jovem sem relacioná-lo com tecnologias. Mas o avanço tecnológico não pode desmerecer o passado. Muito pelo contrário, a leitura dessa obra suscita uma boa reflexão acerca daquilo que se considera cultura, especialmente ao que tange à música, pois, ao que parece, quanto mais recursos tecnológicos se têm para produzir música, menos conteúdo cultural ela possui. Em tempos de “Leleke leke”, ler um livro que traz uma memória de Chico Buarque cantando em Cuba, com uma cena tão bem escrita que parece ser capaz de transportar-nos no tempo e vivenciarmos tudo aquilo que Loyola viveu, torna a reflexão inevitável. Será que o fenômeno *Funk* influencia a sociedade, e por isso os valores estão cada vez mais escassos? Ou isso seria o reflexo de uma sociedade que há muito não sabe para onde vai?

4 Questões suscitadas - leituras

O título da obra é justificado em uma das crônicas que recebe uma intitulação semelhante: *Silêncio e solidão no fundo de uma agulha*. Essa crônica conta a história de duas irmãs que estão a bordar uma toalha gigantesca, enquanto uma delas está a esperar, há mais de quinze anos, um amor. A crônica citada é uma das últimas elencadas no livro, e, de certo modo, a explicação do título torna-se um tanto decepcionante. As narrativas são tão musicais, abordando sempre belas canções dos glamorosos anos 40, 50 e 60, que é impossível não relacionar a agulha do título com a agulha de uma vitrola, pois parece que os modernos aparelhos de reprodução não têm o mesmo charme dos aparelhos do passado. Independente do título ser esclarecido ou não no final da obra, o texto dá margem para essa compreensão. E é justamente isso que torna a literatura tão fascinante, as possibilidades de atualização do texto pelo leitor. Esse livro faz pensar no quanto o passado é subjetivo, pois a crença que se tem de que é possível retê-lo em seus detalhes é uma ilusão. Loyola, em sua entrevista à TV Cultura, fala de uma situação em que ele e mais cinco amigos vivenciaram e que, mais tarde, ele transforma em crônica. Para sua surpresa, nenhum de seus amigos concorda com a versão dada por ele do ocorrido, pois cada um lembrava-se de um jeito diferente. Assim pode ser a vida. O passado é uma colcha de retalhos, formada por bons e maus momentos. Dependendo do recorte que se faz, pode retumbar como uma tragédia ou soar suave como uma das canções que marcaram a vida do autor.

5 Registro da leitura

Compartilhar suas vivências e experiências de leitura no grupo do Facebook, Pré-Jornada 2013 (www.facebook.com/jornadasliterarias), postando declarações, vídeos, fotografias, entre outros, relacionados às discussões realizadas a partir da leitura e das questões.

6 Links

Sem dúvida *Solidão no fundo da agulha* é um convite à descoberta de uma riqueza musical que muitos desconhecem. A própria Rita Gullo confessou que, mesmo sendo cantora, não conhecia muitas das canções preferidas do seu pai. Do mesmo modo, o leitor sente-se instigado a assistir ao filme *Gilda* ou vê-lo novamente, pois o contexto criado pelas memórias do livro dá outro sentido ao filme. Falando ainda de cinema, o longa metragem *Ponto de vista* (2008) relaciona-se com a temática suscitada em *Solidão no fundo da agulha*. Embora a abordagem do filme seja um tanto batida, pois mais uma vez tem-se uma tentativa de assassinato ao presidente americano, a construção narrativa é que o torna interessante. O filme começa com a versão de uma das personagens acerca dos fatos até o atentado. Nessa cena, acontece o corte, e a narrativa recomeça de acordo com o ponto de vista de outra personagem e, assim, vai se repetindo até que as várias versões construam o todo. O filme e o livro exemplificam a subjetividade da memória, mostrando-a como uma visão parcial e não linear da realidade.

Referências

BRADÃO, Ignácio de Loyola. *Solidão no fundo da agulha*. São Paulo: LivrosParaTodos, 2012.

_____. *Ignácio de Loyola Brandão*. Site. Disponível em: <www.ignaciodeloyolabrandao.com>. Acesso em: 10 abr. 2013.

GILDA. Direção de: Charles Vidor. EUA: Colombia Pictures, 1946. 1 DVD.

PONTO DE VISTA. Direção de: Pete Travis. EUA: Vantage Point, 2008. 1 DVD.

ROSENFELD, Anatol. *Texto/contexto*. São Paulo: Perspectiva, 1969.

SOLIDÃO no fundo da agulha. Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/pages/Solidão-no-Fundo-da-Agulha>>. Acesso em: 10 abr. 2013.

TV UOL. *Entrevista com o autor Ignácio de Loyola Brandão para a TV Cultura*. Disponível em: <<http://tvuol.uol.com.br/assistir.htm?video=metropolis--entrevista-com-ignacio-de-loyola-brandao-04028C19336ACC994326>>. Acesso em: 10 abr. 2013.

WWW.
doutorjairo.
uol.
com.br, de
Jairo Bouer



1 Autor

O paulista Jairo Bouer, nascido em 1965, realizou seus estudos em medicina na FMUSP- Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, onde também fez especialização em psiquiatria. Em meados da década de 90, Bouer voltou sua atenção a estudos sobre sexualidade e, desde então, escreve numa coluna da Folha de São Paulo voltada para adolescentes. Além de sua intensa participação em jornais, programas de rádio e TV, Jairo Bouer é autor dos livros *Sexo e Cia*, *O corpo das garotas*, *Álcool, cigarro e drogas*, *O corpo dos garotos*, *Primeira vez*, *O guia dos curiosos sobre sexo e Tipo assim adolescente*.

2 Obra

O site de Jairo Bouer apresenta um layout claro e objetivo. Como destaque, encontram-se na seção tira-dúvidas os links específicos para os tópicos Garotos, Garotas, Prevenção, DST/AIDS, Drogas, Saúde e Comportamento. Há, ainda, a oportunidade de enviar dúvidas individuais para o site.

3 Contexto

O site de Jairo Bouer insere-se perfeitamente na temática da 15ª Jornada Nacional de Literatura por oferecer espaço para discussão e reflexão sobre comportamento e sexualidade, assuntos que mais preocupam o público jovem na atualidade.

4 Questões suscitadas

- Leituras

Quando se examina uma obra literária, um filme, site ou qualquer obra artística ou informativa que tenha a sexualidade como temática, inevitavelmente, surgem duas vertentes de discussão. Uma está diretamente

relacionada ao quanto conhecemos e, principalmente, ao quanto não conhecemos sobre o assunto.

A outra vertente remete à palavra tabu, que, por definição, refere-se essencialmente ao que não pode ser dito ou abordado por pudor. Tabu é o vergonhoso, o que causa constrangimento, comumente ligado ao profano. No entanto, esse é um conceito bastante relativo, já que aquilo que é motivo de receio e desconhecimento para alguns, pode perfeitamente ser natural, conhecido e permitido para outros. Os próprios conceitos de proibido e perigoso são bastante vagos, variando muito de um indivíduo para outro, ou mesmo de uma sociedade para outra; afinal, muitos hábitos considerados pouco ou não aceitáveis em uma cultura, podem ser considerados como naturais para outra. Indo para além dos limites da geografia, a separação entre épocas também é um fator crucial para que determinados comportamentos sejam consideráveis aceitáveis ou não.

5 Registro da leitura

Compartilhar suas vivências e experiências de leitura no grupo do Facebook, Pré-Jornada 2013 (www.facebook.com/jornadasliterarias), postando declarações, vídeos, fotografias, entre outros, relacionados às discussões realizadas a partir da leitura e das questões.

6 Links

A seguir, recomendações de livros, filmes e sites para ampliar a discussão sobre sexualidade.

Livros

ABUCHAIM, Beatriz de Oliveira. *Habitantes de corpos estranhos*. Porto Alegre: Projeto, 2010.

O livro apresenta 15 contos que têm por narradores adolescentes que enfrentam diferentes situações em seu dia-a-dia. Além da relevância dos temas dos contos para o público juvenil, a linguagem utilizada aproxima o leitor do seu universo.

MULLER, Laura. *Altos papos sobre sexo – dos 12 aos 80 anos*. São Paulo: Globo, 2009.

A autora, que participa do programa Altas Horas (Rede Globo), apresenta nesta obra uma discussão sobre sexualidade organizada, inicialmente, de acordo com faixas etárias, contemplando temas pertinentes a cada fase do desenvolvimento físico e emocional de homens e mulheres. Em outros capítulos, os temas discutidos são homossexualidade, dificuldades sexuais, práticas sexuais, jogo erótico e uma cronologia da história do sexo são os temas dos capítulos complementares.

Filmes

SESSÕES, As. Direção de: Bem Lewin. EUA: Rhino Films, 2013. 1 DVD.

O filme conta a trajetória de um homem portador de doença debilitante que o mantém preso a um respirador artificial. Alternando conselhos de seu padre e de sua terapeuta, ele acaba por contratar os serviços de uma assistente sexual para perder sua virgindade e descobrir-se sexualmente.

POVO contra Larry Flynt, O. Direção de: Milos Forman. EUA: Columbia Pictures Corporation, 1996. 1 DVD.

Baseado na biografia de Larry Flynt, o filme narra a trajetória do editor da revista *Hustler*, que rivalizou com a *Playboy* ao apresentar pornografia explícita e se transformou numa verdadeira febre nos anos 70. Após o sucesso, Larry tornou-se um dos homens mais poderosos dos Estados Unidos e construiu um verdadeiro império, mas também sofreu pesados processos judiciais e até mesmo um atentado.

KINSLEY – vamos falar de sexo. Direção de: Bill Condon. EUA, Alemanha: Myriad Pictures, 2003. 1 DVD.

O filme apresenta a vida e contribuições de Alfred Kinsey, que abalou a conservadora sociedade americana ao publicar, em 1948, o livro *Sexual Behavior in the Human Male (O comportamento sexual do homem)*, a partir de entrevistas com milhares de pessoas sobre os aspectos mais pessoais de suas vidas, revelando comportamentos sexuais que eram, na maior parte, desconhecidos.

Sites

Os sites relacionados abaixo oferecem orientação e espaço para resolução de dúvidas acerca de questões de sexualidade:

<http://lauramuller.com.br/>

www.nippojovem.com.br/sexo01/index.php

<http://diariogaucho.clicrbs.com.br/rs/consultoria/falando-de-sexo-233/>

Referência

BOUER, Jairo. *Doutor Jairo*. Site. Disponível em: <www.doutorjairo.uol.com.br>. Acesso em: 10 abr. 2013.

As feridas de um leitor (Bertrand Brasil), de José Castello



1 Autor

O autor da obra crítica sobre leitura e literatura intitulada *As feridas de um leitor*, nasceu em Parnaíba, no Piauí. Migrou para o Rio de Janeiro onde se fixou por um tempo. Reside em Curitiba desde 1994, onde trabalha, mantendo uma oficina literária. José Castello concluiu seus estudos no Colégio Santo Inácio para, só então, graduar-se em Teoria da Comunicação e também no curso de Jornalismo, ambos pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, tornando-se mestre na profissão que exerce ativamente desde a década de 70. Nas décadas seguintes, tendo passado pelo *Diário de Notícias*, *O Globo* e *RioArte* pelos anos 80, sua carreira já chegava às páginas do *Jornal do Brasil*. Torna-se crítico literário em 1993, quando publica uma biografia de Vinicius de Moraes e atinge as páginas d'*O Estado de São Paulo* como cronista e repórter. Castello colaborou também com as revistas *Veja*, *IstoÉ* e *Playboy*. Além dos veículos renomados para quem escreveu, contribuiu para o semanário *Opinião* e para o jornal literário *Rascunho*. Atualmente, José Castello escreve para *O Globo*.

Dentre as múltiplas publicações, destacam-se *Vinicius de Moraes*: o poeta da paixão, pela Companhia das Letras (1993); *Na cobertura de Rubem Braga*, pela José Olympio (1996); *Vinicius de Moraes*: uma geografia poética, pela Relume-Dumará/Rioarte (1996); *João Cabral de Melo Neto*: o homem sem alma, pela Editora Rocco (1996); *O inventário das sombras*, pela Record (1999); *Fantasma*, pela Record (2001); *As melhores crônicas de José Castello*, pela Global (2003); *Pelé*: os dez corações do rei, pela Ediouro/Sinergia (2004); *A literatura na poltrona*, pela Record (2007); e *Ribamar*, pela Bertrand Brasil (2010).

Eládio Vilmar Weschenfelder – Mestre em Letras

2 Obra

O livro constitui uma antologia de 42 artigos do escritor sobre escritores clássicos e contemporâneos, prosadores e poetas. Como afirma o autor no artigo “Advertência”, os textos “compõem um registro – profunda cicatriz – das feridas que a leitura sempre produz em mim”. É amplo o somatório das feridas reinventadas por Castello em artigos que combinam profundidade e leveza. No artigo “A década dos inventores”, o autor mapeia a ficção brasileira da primeira década do século XXI ao analisar os romances *O filho eterno* (C. Tezza), *Leite derramado* (C. Buarque), *O filho da mãe* (B. Carvalho), o volume de contos *A cidade ilhada* (M. Hatoum); disserta sobre outros já renomados escritores – Silviano Santiago, Beatriz Bracher e João Gilberto Noll, entre eles –, além de autores da nova safra, como Tatiana Salem Levy, Michel Laub e Carola Saavedra. Ainda, apoia-se em Cortázar e Bacon para sustentar que, confrontada pela “brutalidade do real” da televisão, do cinema e da internet, “a grande novidade da literatura brasileira do século XXI é reafirmar a força da invenção”, posto que trata do que “o escritor conseguiu fazer” da realidade. E, nessa direção, o estupendo *O filho eterno*, ficção de Tezza, com fortes traços biográficos, talvez seja mesmo o maior emblema.

Ocorre que toda ferida, em maior ou menor medida, desvela uma sombra, isto é, torna visível algo que se encontrava oculto, mas, ao fazê-lo, alude às novas camadas invisíveis – novas feridas. Em “Borges, o sentimental”, texto sobre o escritor argentino que só acreditava “na salvação pela literatura” e para quem “tudo é poético na medida em que confessa um destino, na medida em que nos dá um vislumbre dele”, Castello reforça a importância de “libertar Borges da imagem racional em que está encarcerado”, noção contida em sua biografia, por Edwin Williamson. Tal tarefa implica invariavelmente permitir-se habitar a sombra, encarar a ferida: “a história que se desenrolou na sombra” – escreve Borges citado por Castello – “acaba na sombra”. Ainda nesse sentido, o instigante “Literatura e medo” aborda a relação indicada no título. Castello refere-se à Clarice Lispector e Cortázar. Em um telefonema, Clarice disse a Castello: “Você é um homem muito medroso e com medo ninguém escreve”. De Cortázar, em direção aparentemente oposta, o autor cita o artigo “Uma infância medrosa”, a partir do qual se conclui que “sem medo ninguém escreve”. E então, com quem fica o leitor: Clarice ou Cortázar? O desenvolvimento de Castello para o hiato entre um e outro é muito interessante. Há que ter muita coragem para sentir medo.

Coragem que Raduan Nassar, embora – ou porque – tenha escrito poucas páginas, teve de sobra. Em “A lavoura de si”, Castello trabalha a densidade contida na palavra de Raduan, sobretudo em *Lavoura arcaica*; densidade pautada pela seguinte lógica: “como ocorre em uma sala inteiramente vedada, é do pouco, do quase nada que aparece o choque”. E essa “avareza”, com efeito, pode conduzir, como se deu com Raduan, “à desistência e ao silêncio”. É também uma espécie de avareza, ou “solidão”, que perpassa a prosa de Chico Buarque, um dos “grandes narradores brasileiros contemporâneos”. No artigo “A escrita da solidão”, Castello apresenta uma bela e densa resenha do mais recente livro de Chico, *Leite derramado*, o qual, segundo o crítico, “é a mais hábil e inspirada obra que ele escreveu”. Pode-se dizer, enfim, que os textos críticos de José Castello constituem uma espécie de viagem pelas estrelas da literatura brasileira, desde Machado de Assis, passando por Euclides da Cunha, Clarice Lispector, Drummond, Vinicius, Moacyr Scliar e Noll, dentre outros, até os clássicos internacionais, com Borges, Neruda, Sábato, dentre outros ficcionistas.

3 Contexto

As circunstâncias históricas, políticas e culturais foram determinantes para definir a qualidade dos leitores e das obras brasileiras. Concebido como colônia da nação portuguesa, até a Independência do Brasil, raros eram os leitores e muito reduzidos os eventos promotores do livro, da leitura e da literatura.

Além das justificativas das novas tecnologias, falta de estímulo e alto custo, a indiferença dos brasileiros pelos livros tem raízes mais profundas. Séculos de escravidão levaram os líderes do país a negligenciar a educação. A escola primária só se tornou universal na década de 90. As bibliotecas e as livrarias ainda não conseguiram emplacar. Cerca de 75% da população brasileira jamais pisou numa biblioteca. Por consequência, o brasileiro está lendo menos. É isso que revela a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, divulgada pelo Instituto Pró-Livro em parceria com o Ibope Inteligência. De acordo com o levantamento nacional, o número de brasileiros considerados leitores – aqueles que haviam lido ao menos uma obra nos três meses que antecederam a pesquisa – caiu de 95,6 milhões (55% da população estimada), em 2007, para 88,2 milhões (50%), em 2011. A redução da leitura foi medida até entre crianças e adolescentes, que leem por dever escolar. Em 2011, crianças com idades entre 5 e 10 anos leram 5,4 livros, ante 6,9 registrados no levantamento de 2007. O mesmo ocorreu entre os pré-adolescentes de 11 a 13 anos (6,9 ante 8,5) e entre adolescente de 14 a 17 (5,9 ante 6,6 livros).

À frente dos livros, aparecem na sondagem assistir à TV (85% em 2011 vs. 77% em 2007), escutar música ou rádio (52% vs. 54%), descansar (51% vs. 50%), reunir-se com amigos e família (44% vs. 31%), assistir a vídeos/filmes em DVD (38% vs. 29%) e sair com amigos (34% vs. 33%). "No século XXI, o livro disputa o interesse dos cidadãos com uma série de entretenimentos que podem parecer mais sedutores. Ou despertamos o interesse pela leitura, ou perderemos a batalha", diz Christine Castilho Fontelles, diretora de educação e cultura do Instituto Ecofuturo, que há 13 anos promove ações de incentivo à leitura.

Já a obra *As feridas de um leitor*, de José Castello, as "feridas" se referem às marcas, cicatrizes, golpes, que as diversas leituras provocam nele. Segundo o próprio autor, ele não faz uma leitura teórica. Escreve sobre um livro não para aplicar teorias, mas como alguém que viaja a um continente distante e, na volta, faz um relato de suas observações pessoais a respeito da viagem textual. No prólogo da obra, Castello (2012, p. 5) escreve que os artigos de *As feridas de um leitor*:

Aqui enfim reunidos, esses artigos compõem um registro – profunda cicatriz – das feridas que a leitura sempre produz em mim. Ler – se lemos pra valer – fere. Arranca nacos do espírito, agita a sensibilidade e desloca os pensamentos. Essas marcas nunca cicatrizam por completo. A melhor forma de tratá-las é transformá-las em novos textos, que geram novas leituras, em um desdobramento infinito de escritores e de leitores que dialogam e se misturam.

Seguindo essa trilha, o tema da 15ª Jornada Nacional de Literatura e da 7ª Jornada Nacional de Literatura, a realizar-se em Passo Fundo/RS, entre os dias 27 a 31 de agosto de 2013, abordará o tema "Leituras jovens do mundo". Foco central dos meios de comunicação e entretenimento, do mercado editorial, das indústrias de consumo, do ensino

e da educação, a Geração Y, embora preocupada com as questões relacionadas ao corpo, à sexualidade, estudo, trabalho e afeto.

Segundo estudo da Faculdade de Comunicação Social da PUC/RS, universitários da região metropolitana de Porto Alegre aspiram liberdade e independência financeira, mas dispensam ostentação e riqueza – o cálice sagrado da geração anterior.

Em matéria de Zero Hora (07/04/13, p.04), consta que:

A ideia de ser rico, que era a cara dos “yuppies” que entraram no mercado de trabalho nos anos 1980, não é a mesma do jovem de hoje. A nova geração quer grana suficiente para viver com conforto, sem a preocupação de ganhar mais ou menos do que seus amigos e vizinhos.

Este é o contexto em que o jovem da atualidade sonha e vive. Nesta perspectiva, a Jornada de Literatura, através das leituras da Pré-jornada, dos palcos de debates, dos seminários, dos encontros, debaterá sobre o presente e o futuro dos jovens, especialmente sob o foco da leitura literária.

4 Questões suscitadas – leituras

A partir do tema gerador da 15ª Jornada Nacional de Literatura, “Leituras jovens do mundo” em paralelo com o livro *As feridas de um leitor*, de José Castello, infinitas são as possibilidades de leituras a serem deflagradas com vistas ao aprofundamento da leitura tanto do evento como da obra. Como uma leitura pode deflagrar outra leitura, a obra de Afonso Cruz, intitulada *Os livros devoraram meu pai*, publicada pela Leya, em 2011, pode constituir uma espécie de arremate crítico, aprofundando alguns aspectos da leitura da obra de Castello. Na obra infanto-juvenil do português Afonso Cruz, as personagens de distintas narrativas se imbricam, enquanto Elias devora os livros e, ao mesmo tempo, vai sendo devorado por grandes obras como *Fahrenheit*, *Crime e castigo*, *A revolução dos bichos*, *O médico e o monstro*, dentre outras.

Pode-se também, estabelecer nexos entre o tema da 15ª Jornada Nacional de Literatura, “Leitura jovens do mundo”, com a leitura de *As feridas de um leitor*, de José Castello, assim como com a antologia poética de Drummond, *Corpo: novos poemas* (Record, 1987), pois é com as palavras que o poeta se lacera e com elas o lutador fecha seus ferimentos. Vejamos alguns fragmentos do poema “*As contradições do corpo*”:

Meu corpo não é meu corpo,
é ilusão de outro ser.
Sabe a arte de esconder-me
e é de tal modo sagaz
que a mim de mim ele oculta.

Meu corpo apaga a lembrança
que eu tinha de minha mente.
Inocula-me seu patos,
me ataca, fere e condena
por crimes não cometidos.

O seu arдил mais diabólico
está em fazer-me doente.
Joga-me o peso dos males
que ele tece a cada instante
e me passa em revulsão.

Meu corpo inventou a dor
a fim de torná-la interna,
integrante do meu Id,
ofuscadora da luz
que aí tentava espalhar-se.

Outras vezes se diverte
sem que eu saiba ou que deseje,
e nesse prazer maligno,
que suas células impregna,
do meu mutismo escarnece.

Meu corpo ordena que eu saia
em busca do que não quero,
e me nega, ao se afirmar
como senhor do meu Eu
convertido em cão servil.

Meu prazer mais refinado,
não sou eu quem vai senti-lo.
É ele, por mim, rapace,
e dá mastigados restos
à minha fome absoluta.

Quero romper com meu corpo,
quero enfrentá-lo, acusá-lo,
por abolir minha essência,
mas ele sequer me escuta

(Você pode copiar, distribuir, exibir, executar, desde que seja dado crédito ao autor original de "ESCREVERATI DE LUCA", seus coautores e o site: <http://www.recantodasletras.com.br/autores/escreverati>).

5 Registro da leitura

Compartilhar suas vivências e experiências de leitura no grupo do Facebook, Pré-Jornada 2013 (www.facebook.com/jornadasliterarias), postando declarações, vídeos, fotografias, entre outros, relacionados às discussões realizadas a partir da leitura e das questões.

6 Links

Para complementar as discussões, busque assistir aos filmes *O carteiro e o poeta* e *Sociedade dos poetas mortos*.

Referências

CASTELLO, José. *As feridas de um leitor*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CARTEIRO e o poeta, O. Direção de: Michael Radford. Itália: Touchstone Pictures, 1995. 1 DVD.

SOCIEDADE dos poetas mortos. Direção de: Peter Weir. EUA: Touchstone Pictures, 1989. 1 DVD.

WWW.
lauramuller.
com.br,
de Laura
Muller



1 Autora

A jornalista Laura Müller, ao trabalhar como editora da coluna sobre sexo e comportamento da revista Claudia, decidiu estudar o assunto mais profundamente e acabou por realizar uma pós-graduação em Educação Sexual pela Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana. Esse foi o começo de uma trajetória que a levou a ser aclamada como a sexóloga mais famosa do Brasil, tendo contribuído com artigos para inúmeras revistas, jornais e sites da internet, participado de vários programas de rádio e TV, incluindo o programa Altas Horas (TV Globo) e escrito os livros *500 perguntas sobre sexo*, *500 perguntas sobre sexo do adolescente* e *Altos papos sobre sexo – dos 12 aos 80 anos*. Müller é também professora convidada dos cursos de pós-graduação em Educação e Terapia Sexual da Unisal (Universidades Salesiano), Famerp (Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto) e FMABC (Faculdade de Medicina do ABC).

Sempre utilizando linguagem clara e objetiva, Laura Muller consegue atrair a atenção de seu público, especialmente o jovem, estabelecendo a sintonia de diálogo necessária para, como uma legítima educadora, esclarecer, dar espaço para a socialização de informações e incentivar a busca pela informação.

2 Obra

O site de Laura Muller é bastante claro e objetivo, oferecendo também a possibilidade de sanar dúvidas enviando perguntas diretamente para o site. Há links para acompanhar Laura Muller no Twitter, agenda de palestras da sexóloga, galeria de fotos, vídeos de suas participações no programa Altas Horas, notícias sobre sexologia e colunas escritas por Laura Muller.

3 Contexto

Grande parte do trabalho de Laura Muller, incluindo seu site e livros mais recentes, tem forte relação com a temática da 15ª Jornada Nacional de Literatura. As leituras jovens do mundo passam, certamente, por questionamentos sobre o lugar que o jovem ocupa na sociedade, o que leva a reflexões sobre o que é o espaço, o desejo, a necessidade e o limite de cada ser humano (e não apenas o jovem) em relação à sexualidade. Tais questionamentos devem, nos tempos atuais, ser apresentados de maneira clara, acessível e, no caso das obras da autora, motivadora e didática.

4 Questões suscitadas - leituras

Falar (ou escrever) sobre sexo nem sempre é fácil. Embora ele exista desde que o mundo é mundo, ao longo da existência da humanidade, ao menos nas sociedades ocidentais, o assunto é quase que invariavelmente cercado de receios. Isso se deve, basicamente, à tradição cultural, muitas vezes atrelada a supostos conceitos (ou pré-conceitos) religiosos, ou ainda à ignorância sobre sexualidade. Além das questões socioculturais ligadas ao tema, existe ainda a questão da linguagem: se o assunto é cercado de tabu, como deve ser tratado, que linguagem deve ser empregada? Qual é o nível de formalidade (ou informalidade) mais adequado?

A resposta, por hábito, depende das regras do contrato social. Com determinadas pessoas, em determinados locais, em determinados momentos, são feitas as escolhas linguísticas, o vocabulário, a estrutura frasal, assim como a opção por abordar ou não um tema ou outro. E quando se pensa em pessoas mais jovens, crianças ou adolescentes, que têm pouca ou nenhuma experiência sexual prática, os cuidados são ainda maiores. Se a linguagem for muito formal, o interlocutor pode não compreender ou não se interessar; se for muito informal, a mensagem pode parecer vulgar e não educativa. A questão é complexa, delicada e exige, portanto, o uso do bom-senso. E, às vezes, a busca por orientação mais especializada.

5 Registro da leitura

Compartilhar suas vivências e experiências de leitura no grupo do Facebook, Pré-Jornada 2013 (www.facebook.com/jornadasliterarias), postando declarações, vídeos, fotografias, entre outros, relacionados às discussões realizadas a partir da leitura e das questões.

6 Links

A seguir, recomendações de livros, filmes e sites para ampliar a discussão sobre sexualidade.

Livros

MULLER, Laura. *Altos papos sobre sexo – dos 12 aos 80 anos*. São Paulo: Globo, 2009.

A autora apresenta nesta obra uma discussão sobre sexualidade organizada, inicialmente, de acordo com faixas etárias, contemplando temas pertinentes a cada fase do desenvolvimento físico e emocional de homens e mulheres. Em outros capítulos, os temas discutidos são homossexualidade, dificuldades sexuais, práticas sexuais, jogo erótico e uma cronologia da história do sexo são os temas dos capítulos complementares.

GOLDENBERG, Mirian. *De perto ninguém é normal: estudos sobre o corpo, sexualidade, gênero e desvio na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

A professora, pesquisadora e antropóloga Mirian Goldenberg apresenta um estudo feito a partir de entrevistas, reportagens e biografias, para revelar e questionar o espaço social e político de indivíduos frente às questões de gênero ao longo das últimas décadas da história política nacional. Questões de gênero e desvio são trazidas à tona nesse estudo antropológico que investiga o espaço do normal e do desviante na sociedade brasileira.

NUNES, César Aparecido. *Desvendando a sexualidade*. 7. ed. Campinas: Papirus, 2005.

O autor apresenta um histórico do comportamento sexual ocidental, discutindo tabus sobre o tema, tradicionalmente gerador de silêncio e vergonha, buscando salientar os aspectos positivos da sexualidade para a sociedade moderna.

Filmes

MILK: a voz da igualdade. Direção de: Gus Van Sant. EUA: Groundswell Productions, 2009. 1 DVD.

Na década de 70, o nova-iorquino Harvey Milk enfrenta a discriminação sexual, violência e preconceito na busca por direitos iguais para todos. Apoiado por seu companheiro e amigos, Milk ingressa na política e acaba tornando-se o primeiro homossexual assumido a alcançar um cargo público relevante nos Estados Unidos.

JUNO. Direção de: Jason Reitman. EUA: Mandate Pictures, 2007. 1 DVD.

Juno é uma adolescente que lida com uma gravidez não planejada. Com a ajuda de sua melhor amiga, ela procura uma família adotiva a quem entregar a criança, tendo para isso o apoio de seus próprios pais. Ao longo do processo, ela precisa tomar decisões difíceis, enquanto amadurece e tenta encontrar o seu lugar no mundo.

Sites

Os sites relacionados a seguir oferecem orientação e espaço para resolução de dúvidas acerca de questões de sexualidade:

www.doutorjairo.uol.com.br

www.nippojovem.com.br/sexo01/index.php

www.diariogaicho.clicrbs.com.br/rs/consultoria/falando-de-sexo-233/

Referência

MÜLLER, Laura. *Laura Müller site oficial*. Site. Disponível em: <www.lauramuller.com.br>. Acesso em: 10 abr. 2013.

Operação Galápagos (Planeta), de Luciana Savaget



1 Autor

Luciana Savaget nasceu no Rio de Janeiro e tem desenvolvido trabalhos de crítica, de tradução, de jornalismo e de literatura. Traduziu para o português *Minha vida junto a Pablo Neruda*, escrito por Matilde Urrutia, esposa do escritor. Atualmente, exerce a profissão de jornalista, trabalha na Globo News, TV a cabo da TV Globo. Escreveu as obras *Poeta sem palavras*, *O dia em que o mundo acabou*, *O sertão do Conselheiro Antônio* e *Aranha Dailil*, *Operação resgate na Jordânia: o segredo do deserto*, *Operação resgate em Bagdá: a batalha do invisível*, entre outras. Dentre os diversos prêmios recebidos por Savaget, destacam-se "Personalidade do Ano Internacional da criança" (1993); diploma de honra ao mérito no Festival Internacional Film e TV de Nova York (1994), com o programa "Crianças trabalhadoras", transmitido pelo programa Globo Repórter; e o prêmio "Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos" (2002). A autora tem dedicado suas obras às vítimas de guerra, às crianças do Iraque, Afeganistão, Paquistão, Israel, Palestina, Colômbia, Libéria e Brasil, pois, segundo afirma, se todos tivessem a chance de sonhar, "certamente esses conflitos não existiriam". E acrescenta: "arma contra a guerra é a palavra".

2 Obra

Operação Galápagos, obra infanto-juvenil de Luciana Savaget, contém 28 capítulos curtos e relata uma grande aventura vivida por um grupo de jornalistas brasileiros – Vinicius, Lúcio e Fernando. A abertura de cada capítulo é marcada pela presença da ilustração de animais da região, possibilitando entrelaçamentos dessas imagens com temas abordados, como a preservação ambiental, a geografia e a geopolítica. Por sua dinâmica adotada no uso de diálogos,

mistérios e perigos que estariam por trás de planos e armações que poderiam colocar em risco um dos maiores patrimônios da humanidade, o arquipélago de Galápagos, a obra de Savaget transporta os leitores não só para o mágico mundo da literatura, como também para o universo histórico-científico. Observa-se, na obra, o empenho da autora para inserir o leitor na trama do jornalismo investigativo, construída no furo da reportagem. É, portanto, esse clima de buscas, tensão e denúncias que garante à obra um caráter policial.

Operação Galápagos, como anuncia o título, é caracterizada pela ação. Relata uma viagem às Ilhas Galápagos, uma província do Equador, formada por um pequeno arquipélago no Oceano Pacífico, para averiguar denúncias contra o patrimônio cultural e ecológico local, ameaçado pelas tramoias do poderoso chefe inglês do grupo que comanda a ilha.

3 Contexto

Rico em biodiversidade, o arquipélago das Galápagos serviu de base a diversos estudos, como a Charles Darwin para criar a Teoria da Evolução. Reconhecidas mundialmente pela sua vida selvagem única, as ilhas são, por isso, muito populares entre historiadores, tanto profissionais como amadores. Tartarugas gigantes, leões marinhos, iguanas marinhas e diferentes espécies de pássaros, tudo isso pode ser visto e tocado (conforme imagens anexas entre as p. 128 a 129). Daí a relação da obra com a questão ambiental, que ocupa hoje um importante espaço político. Está relacionada a movimentos sociais, à defesa da qualidade de vida do ser humano e à proteção do meio ecologicamente equilibrado.

A paisagem das ilhas relativamente estéril e vulcânica, de certa maneira, dificultava as operações do grupo de jornalistas. Como há grande variação climática, há também maior manifestação da vida selvagem, assim como maior oportunidade para visitas de ambientalistas, naturalistas, mergulhadores, favorecendo, por outro lado, maior controle do exército equatoriano.

O mistério presente na obra de Savaget faz aflorar outras temáticas subjacentes, além do conceito de desenvolvimento sustentável. Por trás da busca de um consenso de que se evitem a exploração dos recursos naturais de forma predatória e inconsequente, sugerem-se outros temas na perturbação dos personagens: a censura velada de organizações sobre a imprensa, as relações políticas do Equador com outros países. Observa-se, ainda, na narrativa, a presença de recortes de jornais impressos, estabelecendo, dessa maneira, relação dialógica com outros contextos, em que predominam a corrupção no Brasil, Equador e Colômbia; a violência em diversos países e a relação de poder; hegemonia política a partir do controle econômico e de algumas reservas, como o petróleo, por exemplo. São manobras políticas que interferem no exercício de direitos como a liberdade de expressão, direito internacional.

É, pois, este o contexto em que se busca contemplar sujeitos comprometidos com o futuro, destino daquilo que persiste das grandes ideias e das grandes obras, que Luciana Savaget contribui para com a realização da 15ª Jornada Nacional de Literatura, oferecendo ao público leitor *Operação Galápagos*. Explora, em seus personagens, características de jovens, ao mesmo tempo, conectados às mídias, mas distantes dos centros de poder, por estarem dotados de grande sensibilidade, atentos a diferentes conteúdos e contextos que a modernidade oferece.

4 Questões suscitadas – leituras

A narrativa é responsável pelo grande comprometimento com o mundo da atualidade, por processos da história humana, como a evolução do conhecimento, a interatividade e transformações. A autora faz uma série de opções bem sucedidas para projetar a ciência, a geografia e a geopolítica, o que produz efeitos de verdade e convencimento sobre o conteúdo narrado. A exemplo disso, podem ser formulados os seguintes questionamentos: a) Qual o segredo que envolveria o Diário de Darwin? b) O que levaria um grupo de jornalistas a se arriscar tanto? c) Com que interesses a Fundação de Pesquisa Científica (FPC), órgão do governo britânico, procura dificultar a missão dos jornalistas, adiando as negociações de filmagem e locações? Persistência é a palavra-chave para uma operação bem sucedida e a garantia de sobrevivência dos jovens que, aparentemente, estariam indo fazer uma reportagem ecológica, mas, por trás das aparências, algo mais perigoso se atravessou em seu caminho. Diante das dificuldades impostas pelo meio, os jornalistas são desafiados a lutar por sua sobrevivência e enfrentarem um contexto cheio de desconfianças, de ameaças, de coerções; lutar contra o controle sobre o conteúdo da reportagem e violação do direito de comunicação. Se o livro ajuda na efetivação do conhecimento humano, na concretização da dignidade da vida, com certeza, a obra de Savaget proporciona ao leitor muito mais que ação policial. Muito mais que jornalismo investigativo, *Operação Galápagos* encaminha outras questões como, por exemplo, honestidade, amor pela vida e ética na profissão.

5 Registro da leitura

Compartilhar suas vivências e experiências de leitura no grupo do Facebook, Pré-Jornada 2013 (www.facebook.com/jornadasliterarias), postando declarações, vídeos, fotografias, entre outros, relacionados às discussões realizadas a partir da leitura e das questões.

6 Links

Recomenda-se para a construção de um posicionamento crítico sobre o tema a consulta aos seguintes sites e documentários, respectivamente:

Sites:

www.lucianasavaget.com/livros.php

www.marcomourao.blogspot.com/2011/07/o-que-e-geopolitica.html

www.brasilecola.com › Geografia › Curiosidades

www.discoverybrasil.uol.com.br/galápagos

www.themysteriousislands.com

www.youtube.com/watch?v=-uMXSpzg72g

www.youtube.com/watch?v=yzjPKDC9Zco

www.tripadvisor.com.br › ... › Equador › Ilhas Galápagos

www.fotosearch.com.br/video-filme/ilhas-galapagos.html

Filmes:

Galápagos: as ilhas que mudaram o mundo, documentário da BBC Londres.
As ilhas misteriosas

Livros:

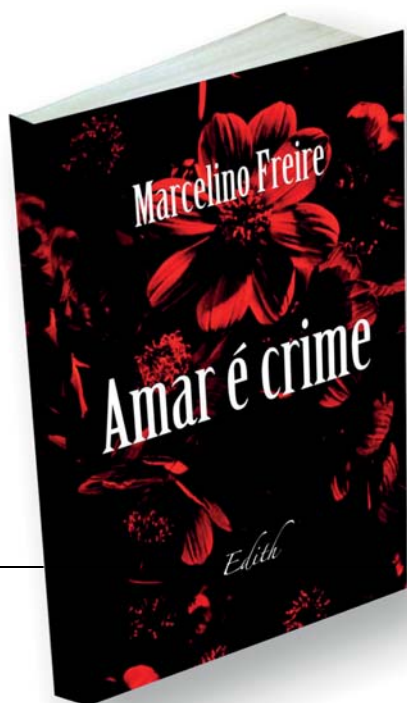
PICQ, Pascal. *As origens do homem explicadas para crianças*. São Paulo: Unesp, 2012.

JONES, Steve. *A Ilha de Darwin*. São Paulo: Record, 2009.

Referência

SAVAGET, Luciana. *Operação Galápagos*. São Paulo: Planeta, 2011.

Amar é crime (Edith), de Marcelino Freire



Carindia do A. Marques Quevedo – Mestranda
em Letras – PPGL/UPF

1 Autor

Nascido em Sertânia, Pernambuco, no ano de 1967, o contista Marcelino Juvêncio Freire viveu por uns tempos na Bahia e também em Recife, onde começou a fazer teatro. Ao longo da década de 80, trabalhou como bancário e iniciou o Curso de Letras, o qual ficou inacabado. No ano de 1989, frequentou a oficina literária do escritor Raimundo Carrero e em 1991, mudou-se para São Paulo, onde vive desde então. Publicou, de forma independente, seus dois primeiros livros: *AcRústico*, em 1995, e *Era Odito*, em 1998. Além dessas, entre suas obras publicadas estão *Angu de sangue* (2000), *Balé-Ralé* (2003), *Contos negreiros* (2005), com o qual ganhou o prêmio Jabuti de Literatura, em 2006 e *Rasif, mar que arrebenta* (2008). Foi idealizador e organizador do livro *Os cem menores contos brasileiros do século* (2004), citado nas antologias *Geração 90: manuscritos de computador* (2001) e *Os transgressores* (2003) como um dos contistas que merecem destaque no painel literário brasileiro, teve alguns de seus contos adaptados para o teatro. Criou a Balada Literária, em 2006, evento cultural e literário que reúne escritores nacionais e internacionais em Vila Madalena, São Paulo, e que leva a literatura para os bares do bairro. Considerado pela crítica como um dos principais escritores da nova geração, Marcelino Freire afirmou, em uma entrevista, que quis ser escritor aos dez anos, quando descobriu que Manuel Bandeira era pernambucano. Sua obra mais recente, *Amar é crime*, foi publicada em 2010, pelo selo Edith, do qual é um dos proprietários.

2 Obra

Amar é crime é um livro de contos composto por dezesseis histórias. A primeira e a última são intituladas “Para começar” e

“Para terminar”, respectivamente, e os demais contos são distribuídos em capítulos. Além disso, a obra conta com um texto de apresentação de Ivan Marques cujo título traduz um pouco a temática da obra: Amor e sangue. Nesse sentido, o amor se apresenta, nos contos de Marcelino Freire, em sua forma mais grotesca, verdadeira e desmedida. Cada conto é construído a partir de experiências fortes, amores não convencionais aos olhos da sociedade, urgentes, marginais. Os protagonistas das histórias retratadas no livro gritam e querem expor ao mundo sua voz, por tanto tempo calada, à margem, ignorada. São negros, homossexuais, prostitutas, tipos socialmente excluídos que buscam mostrar as misérias de sua existência, as humilhações sofridas, o descaso, o abandono, o abuso que sofreram, carnal ou ético, e que ainda os persegue. A menina que “venceu” na vida por meio da prostituição, a gorda que matou sua própria mãe e que, mesmo calada, é um grito que se faz ouvir ao “encalhar” no meio da rua, a aluna que se envolve com a professora, o crime planejado pelo menino da favela que, em seu desabafo, quer falar “da sacanagem, da falta de educação, de saneamento, do desmoronamento, da chuva quando vem e molha e engole o povo, a enchente” (FREIRE, 2010, p. 67), o padre homossexual, o escritor atormentado em meio a lembranças e observações metalinguísticas. Esses são alguns dos personagens que registram sua história nos contos, a margem que se torna centro e fala do seu modo, com uma linguagem afiada e estonteante, marcada pela oralidade, pelo uso de rimas, ora ostensivas, ora sutis, numa espécie de cordel dos excluídos.

3 Contexto

O livro de Marcelino Freire foi publicado num contexto que vivencia relevantes mudanças sociais e culturais. Nos últimos anos, é possível notar um avanço no que diz respeito às lutas pelos direitos humanos e pelo respeito aos grupos vítimas de preconceito e discriminação. Leis foram aprovadas, projetos foram executados, direitos foram garantidos e ampliados. A sociedade tem demonstrado maior tolerância e preocupação com os grupos que, por muito tempo, foram desfavorecidos. A Lei Maria da Penha, a legalização do casamento civil entre pessoas do mesmo sexo, a polêmica lei das cotas raciais e por renda são algumas das medidas que possibilitaram aos homossexuais, à mulher, aos estudantes afro-descendentes e de baixa renda fazerem-se ouvir e terem seus direitos e dignidade respeitados. É possível notar esse movimento de ascensão da voz dos desfavorecidos na literatura, na música, nas artes em geral, que passaram a valorizar e mostrar uma realidade até então desconhecida e ignorada pela sociedade, já que se vive em tempos de exaltação do politicamente correto. Além disso, é necessário comentar a forte relação que esse livro estabelece com o tema da 15ª Jornada Nacional de Literatura: “Leituras jovens do mundo”, uma vez que caberá aos jovens a responsabilidade de manter essas conquistas, bem como de ampliá-las, ou mesmo, de construir uma sociedade em que não seja necessário criar leis e cotas para garantir a igualdade. Através de leituras como dessa obra, o jovem tem a possibilidade de estar no lugar do outro, de conhecer realidades, muitas vezes, tão distantes de si, de saber do sofrimento alheio, ouvir a voz da margem. Nesse sentido, a leitura contribui para formar um cidadão politizado, voltado aos problemas sociais e interessado em promover mudanças que garantam oportunidades cada vez mais igualitárias para todos. Um jovem leitor certamente será um adulto que não apenas lê o mundo, mas também inscreve nele sua história.

4 Questões suscitadas - leituras

Alguns aspectos merecem destaque no que se refere à leitura da obra *Amar é crime*, como a oralidade, a musicalidade, a não-linearidade e os próprios personagens. Uma das características mais marcantes da escrita de Marcelino Freire é o uso da oralidade na narração, o que se dá por meio do discurso direto e do discurso indireto livre. Assim, os personagens se constituem à medida que falam, construindo-se enquanto seres ficcionais em cada palavra proferida. Os personagens de *Amar é crime* falam muito, com urgência, com intensidade tanto que, mesmo quando há um narrador, o personagem toma a palavra para si e fala através da voz narrativa. Suas vozes são fortes, urgentes, ácidas e assustadoramente reais, o que torna o personagem uma presença quase física e faz do leitor um ouvinte, um confidente. As falas vêm do cotidiano do brasileiro, do povo, das ruas, pedaços verbais da realidade vivida por pessoas comuns, que falam do seu jeito, sem receio de parecerem vulgar, pois isso é hipocrisia da elite. O uso de palavras como caspa, mijo, baba, espinhas, sangue é frequente nos contos, assim como de “palavrões”, o que corrobora com essa ideia de falas reais de tipos que querem impactar, além de tornar o diálogo mais informal, criando uma espécie de intimidade e, até mesmo, cumplicidade com o leitor. Há um tom de resposta presente na obra, como se as falas dos personagens estivessem respondendo ao leitor, que se torna ouvinte/interlocutor. Além disso, os contos, aos quais Marcelino Freire chama de cantos, possuem uma musicalidade que lembra um cordel, uma ladainha nordestina, aproximando-se da poesia. Isso se dá não apenas pelo uso de rimas, mas também pela construção e encadeamento das falas, das frases, que, muitas vezes, avançam aos arrancos, intensas e com certo desespero e, outras, numa melancolia. Nesse sentido, há um ritmo que deve ser seguido na leitura, como se os textos do autor tivessem sido escritos para serem lidos em voz alta, há uma teatralidade imbuída em cada linha, há vozes para serem ouvidas e não palavras para serem lidas nos contos/cantos desse livro. É importante destacar, ainda, outro aspecto dessa obra: a não-linearidade das histórias, as quais, em sua maioria, são contadas pelos personagens como lembranças, memórias pertencentes a um passado, muitas vezes, difícil, doloroso que retornam fragmentadas e se misturam com os fatos presentes. Nesse sentido, tempo e espaço são fragmentários e maleáveis nos contos de *Amar é crime*, havendo uma intercalação de fatos, passados e presentes, na fala dos personagens, o que exige do leitor maior atenção durante a leitura. Por fim, é necessário fazer mais algumas considerações sobre os personagens, os quais representam tipos desfavorecidos e não possuem nomes, o que enfatiza a ideia de que esses seres ficcionais representam seres reais, pessoas comuns, que vivem ou viveram histórias, amores semelhantes a esses. Cada personagem sofre ou vive o amor a seu modo, não há final feliz de contos de fadas e sim finais realistas, muitas vezes, sangrentos, marcados por um humor cáustico. Portanto, a obra *Amar é crime* possibilita muitas leituras, apresentando elementos e características que a enriquecem e tornam sua leitura uma experiência de alto valor estético.

5 Registro da leitura

Compartilhar suas vivências e experiências de leitura no grupo do Facebook, Pré-Jornada 2013 (www.facebook.com/jornadasliterarias), postando declarações, vídeos, fotografias, entre outros, relacionados às discussões realizadas a partir da leitura e das questões.

6 Links

O livro *Amar é crime* dialoga com diversas outras obras que também mostram a “vida severina” de tipos desfavorecidos. Há referência explícita por meio de frases citadas a dois poetas contemporâneos: Arruda e Sérgio Vaz. Esse último conhecido como poeta das ruas, publicou *Colecionador de pedras e Literatura, pão e poesia*, as quais fazem parte da coleção Literatura Periférica, lançada pela editora Global. Ainda dessa coleção, pode-se indicar a leitura de *85 letras e um disparo*, de Sacolinha; *A rima denuncia*, de Gog, e *Cela forte*, de Luis Alberto Mendes. Todos esses títulos contemplam uma literatura semelhante à de Marcelino Freire, já que nessas obras o que se ouve é a voz daqueles que vivem à margem, contando suas histórias, seus sonhos, suas vivências. Além disso, pode-se citar o escritor Ferréz, o qual é conhecido por sua escrita ousada, através da qual mostra a dura vida nas periferias de São Paulo, por meio de uma linguagem marcada por gírias e “palavrões”, tal como Marcelino Freire. Entre suas obras, pode-se indicar a leitura de *Ninguém é inocente em São Paulo* e *Capão pecado*. Há, ainda, o livro *As meninas da esquina - diários dos sonhos, dores e aventuras de seis adolescentes do Brasil*, da jornalista Eliane Trindade, no qual adolescentes que ganham a vida como garotas de programas falam a respeito de si, dos seus sonhos e da difícil realidade que enfrentam. Soma-se a essas referências a indicação dos filmes *5x favela: agora por nós mesmos*, dirigido por um grupo de jovens cineastas moradores das favelas do Rio de Janeiro e produzido por Carlos Diegues e Renata de Almeida Magalhães; *Sonhos roubados*, de Sandra Werneck, baseado no livro de Eliane Trindade, citado anteriormente; e o álbum musical *Sobrevivendo no inferno*, do grupo Racionais MCs, que também tem com o tema central a perspectiva de quem está na periferia da sociedade. Há, por fim, outro livro do próprio Marcelino Freire, *Contos negreiros*, no qual personagens negros expõem suas vivências, seu ponto de vista, seus sentimentos em relação à sociedade e ao racismo, sorrateiramente presente nas relações humanas.

Referências

5X FAVELA: agora por nós mesmos. Direção de: Wagner Novais et. al. Produção de: Carlos Diegues e Renata de Almeida Magalhães. Brasil: Sony Pictures, 2010. 1 DVD.

ALVES, Ademiro. *85 letras e um disparo*. 2. ed. São Paulo: Global, 2007.

FERRÉZ. *Capão pecado*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

_____. *Ninguém é inocente em São Paulo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

FREIRE, Marcelino. *Amar é crime*. São Paulo: Edith, 2010.

_____. *Contos negreiros*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

_____. Home page. Site. Disponível em: <www.marcelinofreire.wordpress.com>. Acesso em: 20 mar. 2013.

GOG. *A rima denuncia*. São Paulo: Global, 2010.

MENDES, Luiz Alberto; FREIRE, Marcelino. *Cela forte*. São Paulo: Global, 2012.

PRODUÇÃO CULTURAL NO BRASIL. *Entrevista com Marcelino Freire*. Disponível em: <www.producaocultural.org.br/videos/marcelino-freire/>. Acesso: 19 mar. 2013.

RACIONAIS MCs. *Sobrevivendo no inferno*. Brasil: Cosa Nostra, 1997. 1 CD.

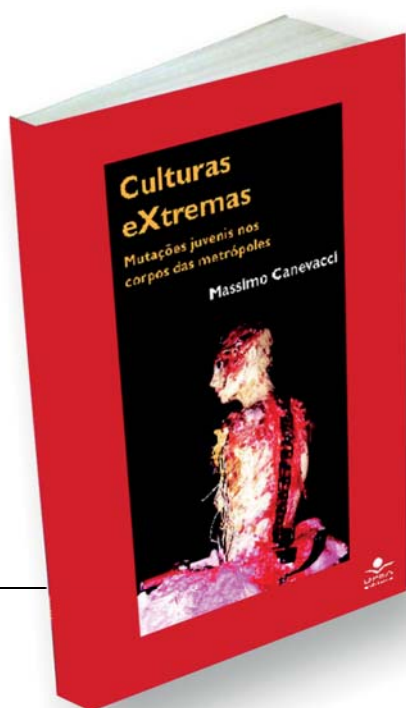
SONHOS roubados. Direção de: Sandra Werneck. Brasil: Cineluz, 2010. 1 DVD.

TRINDADE, Eliane. *As meninas da esquina: diários de sonhos, dores e aventuras de seis adolescentes do Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

VAZ, Sérgio. *Colecionador de pedras*. São Paulo: Global, 2007.

_____. *Literatura, pão e poesia*. São Paulo: Global, 2011.

Culturas extremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles (DP&A), de Massimo Canevacci



Ernani Cesar de Freitas – Doutor em Letras

1 Autor

Massimo Canevacci é professor de Antropologia Cultural do Departamento de Ciências Sociais e da Comunicação da Universidade La Sapienza de Roma. É o criador e diretor da revista Avatar e da revista eletrônica ZON/A, especializada em temas ligados à antropologia, comunicação e artes visuais. É autor de importantes obras de referência como: *Comunicação visual* (2009), *Fetichismos visuais: corpos eróticos e metrópole comunicacional* (2008), *Culturas extremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles* (2005), *A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana* (2000), *Sincretismos: uma exploração das hibridações culturais* (1996) e *Antropologia da comunicação visual* (1990, reeditado em 2001). Realiza pesquisas etnográficas sobre várias áreas: cultura indígena, movimento juvenil, metrópole, comunicação, cultura e o visual.

Canevacci é um pensador que não economiza pesquisa e reflexão sobre a comunicação visual, para tal percorre desde o virtual, as webculturas e os mix-media até a política, o esporte e a arte. Massimo Canevacci, em seus estudos, aborda a individualidade humana na perspectiva da totalidade, sem desvinculá-la da noção de classe social.

Reconhecido pela ousadia em romper com métodos clássicos da história intelectual, Massimo Canevacci é um antropólogo que expõe e explica a metrópole contemporânea, a influência das mídias digitais, e ao contrário do que muito da tradição acadêmica sugere, não vê o processo cultural atual como puramente alienante. Ele capta, sim, a imensa possibilidade de interação, participação e de criação de um novo tipo de sujeito, múltiplo e ativo.

2 Obra

Culturas extremas é um livro que trabalha com a noção de fim das subculturas e no qual Canevacci propõe a noção de *culturas intermináveis*, relacionadas à persistência e às mutações das culturas juvenis na atualidade. É uma importante bibliografia em português para quem pesquisa a temática.

O livro traz uma forte análise sobre as culturas juvenis contemporâneas, resultantes das revoluções socioculturais impulsionadas pela tecnologia pós-industrial. Esse é o ponto de partida através do que Canevacci fala sobre sua visão de cultura, orientada sempre pela perspectiva do sujeito autônomo. Os movimentos que comenta em seu livro estão muito distantes do Estado. São dinâmicas culturais que se encontram à revelia de uma cultura pública e institucionalizada.

O texto é articulado em três partes: a) a primeira busca redefinir os cenários múltiplos nos quais figuram os fragmentos juvenis contemporâneos; contra qualquer tradição continuísta, inter-relacionam-se e entrecruzam-se os fios que eliminam todo resíduo conceitual de subcultura ou de contracultura; propõe, então, um novo cenário multifacetado das culturas intermináveis; b) a segunda parte apresenta um percurso multinarrativo entre um “defluir de interzonas” nas quais se verifica o *eXtremo interminável*; c) a terceira parte é baseada numa acentuação das diferenças, por meio da emergência de *conceitos líquidos*.

Culturas intermináveis, interzonas eXtremas, conceitos líquidos: o texto se articula, se constrói e se organiza defluidamente no decorrer dessas três diferenças. Na linguagem utilizada pelo autor, é possível verificar que o “ultrapasse” é a ferramenta da afirmação autônoma dos jovens no mundo: na emergência de uma infinidade de novos signos, a linguagem é levada a territórios que se sobrepõem aos léxicos institucionais; na urgência de trilhar um caminho sem lhe saber o fim, a história é o vértice do presente.

3 Contexto

Em *Culturas extremas*, Massimo Canevacci, na Introdução/Loop do livro, comenta que “este ensaio nasce de uma grande insatisfação”. Isso porque “as pesquisas jornalísticas, as pesquisas quantitativas, as abordagens generalistas, as visões prescritivas não conseguem dar [...] o multissentido das perspectivas emitidas por aquelas que se definem ‘culturas juvenis’. Elas desenham constelações móveis, desordenadas, de faces múltiplas. *Multicodes*”.

Canevacci reivindica uma espontaneidade metodológica polifônica que vai de encontro a todo rigor formal monológico, a toda e qualquer moral holística pensativa, a toda e qualquer implacável estatística. Na contramão do discurso científico, “instrumento para obter financiamentos, fazer carreira, falar em nome de”, o autor adota a metodologia do “gozo da diferença”. É isso o que lhe permite frequentar interzonas urbanas nas quais estabelecem um fluxo comunicacional direto com os sujeitos, jamais objetos. *Rave, piercing, techno, tatuagem, bodyscape, cut-up, ciberespaço, fanzine, videoarte* - a cultura líquida escorre pelos desvãos da cidade, despercebida entre camadas envelhecidas do método acadêmico centralizado. Em vez de tipologias, o que interessa a Canevacci são “as zonas limítrofes, os espaços vazios, os desafios panorâmicos, os atravessamentos”.

O autor, nessa obra *Culturas extremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles*, refere-se a uma perspectiva de mundo que organiza as chamadas “tribos urbanas” juvenis, que passam a ser assunto recorrente, dentro e fora do debate acadêmico, a partir da década de 1980. De acordo com Canevacci (2005, p. 15), “não há mais contracultura, pois não há mais o *contra*. O término da hegemonia, o fim da ideologia e o fim da política enxugaram o *contra*. E libertaram as culturas extremas[...]”.

Diante desse cenário multifacetado, de diversidade cultural, os jovens têm espaço para mostrarem suas “faces” e irromper sua cultura. Esse fenômeno do *extremo intermi-nável* tem relação direta com a temática da 15ª Jornada Nacional de Literatura: “Leituras jovens do mundo”, que “explora o potencial, as preferências e a diversidade de interesses e comportamentos necessários ao entendimento dos jovens e a imprescindível sintonia com esse público”.

4 Questões suscitadas – leituras

Em *Culturas extremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles*, Massimo Canevacci defende que as atuais tribos urbanas juvenis não são herdeiras da assim chamada contracultura, pois não partem do reconhecimento crítico de certa cultura oficial a ser revirada ao avesso; se existe uma cultura oficial, as tribos ignoram sua existência. Canevacci as qualifica como apolíticas por faltar a elas qualquer noção de totalidade e qualquer pretensão de universalidade: a cultura das tribos é formada de escombros encontrados e reunidos a esmo. Para ele, não existe mais uma contracultura, pois teria morrido “a política como utopia que transforma o mundo empenhando o futuro próximo” (CANEVACCI, 2005, p. 15).

A cultura das tribos também não é uma subcultura, pois não é uma versão alternativa ou periférica de uma cultura hegemônica. Segundo Canevacci (2005, p. 15), as condições sociais promovidas por uma produção industrial policêntrica de símbolos culturais em fins do século XX praticamente implodiu a pertinência de falarmos de uma cultura hegemônica: “[...] a clássica dicotomia cultura hegemônica/culturas subalternas exauriu-se definitivamente”.

Tais tribos, portanto, não se orientam por nenhuma utopia, na medida em que identificamos o sentido forte de utopia como o reconhecimento do elemento trágico da história e da própria existência humana: a capacidade de avistar um horizonte de redenção que poderia existir concretamente. As tribos, por não terem noção de totalidade e pretensão de universalidade, não podem operar criticamente e, portanto, não há por que imaginar que elas coloquem lá no horizonte (ou seja, no lugar que está lá onde a vista alcança, mas que não existe aqui e agora) o “tempo significativo” que elas organizam. As atuais tribos urbanas juvenis são heterotópicas na medida em que trocam qualquer fascínio pelo futuro “em favor do fluir no presente [...] uma libertação aqui e agora” (CANEVACCI, 2005, p. 35). Para Canevacci, o contexto das tribos é tão incrivelmente outro, em contraste com a crítica cultural desde meados do século XIX, que a própria noção de indivíduo precisa ser repensada.

5 Registro da leitura

Compartilhar suas vivências e experiências de leitura no grupo do Facebook, Pré-Jornada 2013 (www.facebook.com/jornadasliterarias), postando declarações, vídeos, fotografias, entre outros, relacionados às discussões realizadas a partir da leitura e das questões.

6 Links

A cidadania transitiva no contexto da comunicação digital. Entrevista especial com Massimo Canevacci. Disponível em: <http://amaivos.uol.com.br/amaivos09/noticia/noticia.asp?cod_canal=41&cod_noticia=1866>.

Depoimento *Massimo Canevacci* — Escola São Paulo. Disponível em: <<http://escola-saopaulo.org/destaques-home/painel/depoimentos/massimo-canevacci/depoimento-massimo-canevacci>>.

Entrevista *Massimo Canevacci* - YouTube. Disponível em: <<https://youtube.com/watch?v=bNe3qBw6k9M>>.

Resenha: A identidade cultural na pós-modernidade. Disponível em: <<http://overmundo.com.br/banco/resenha-a-identidade-cultural-na-pos-modernidade>>.

Seminário Antropologia Cultural com Prof. Dr. Massimo Canevacci, 2012. Disponível em: <www3.eca.usp.br/pos/ppgcom/ciencias-da-comunicacao/seminario-antropologia-cultural>.

Zygmunt Bauman: "Vivemos tempos líquidos. Nada é para durar". Disponível em: <http://istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/102755_VIVEMOS+TEMPOS+LIQUIDOS+NADA+E+PARA+DURAR>.

Referências

AGUIAR, Julia. *Entrevista com pensador Massimo Canevacci*. 11/04/2008. Disponível em: <www.overmundo.com.br/overblog/entrevista-com-pensador-massimo-canevacci>. Acesso em: 30 mar. 2013.

CANEVACCI, Massimo. *Culturas extremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa; PEREIRA, Silvana Coleta dos Santos. Entrevista com Massimo Canevacci. *Comunicação e Informação*, UFG, v. 10, n. 2, p. 107-110, jul./dez. 2007. Disponível em: <www.revistas.ufg.br/index.php/ci/article/view/10799/7178>. Acesso em: 30 mar. 2013.

Tecnologia e novas educações (Ed. Universidade Federal da Bahia), de Nelson de Luca Pretto



Adriano Canabarro Teixeira - Doutor em Informática na Educação

1 Autor

Professor Associado da Faculdade de Educação (www.faced.ufba.br) da Universidade Federal da Bahia (UFBA)/Brasil. Doutor em Comunicação pela Universidade de São Paulo/Escola de Comunicação e Artes (1994). Licenciado em Física (1977) e Mestre em Educação (1985), ambos pela UFBA. Pesquisador do CNPq. Membro titular do Conselho de Cultura do Estado da Bahia (2007- 2010). Pesquisador visitante (pós-doc) do Theory, Culture and Society Centre na Universidade Trent de Nottingham/Inglaterra (2008/2009) e do Centre for Cultural Studies de Goldsmiths College/Universidade de Londres/Inglaterra (1998/1999).

2 Obra

Organizado em 16 capítulos, o livro reúne versões adaptadas de textos produzidos pelos integrantes do Grupo de Pesquisa Educação e Comunicação (GEC) e busca fazer uma síntese das reflexões teóricas realizadas ao longo dos últimos anos que enfrentam de forma mais contemporânea a relação entre a Educação e a Comunicação com os sistemas tecnológicos de informação.

3 Contexto

A obra foi construída a partir das produções científicas de alunos e professores do curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia desde 1990. O autor apresenta, a partir de sua trajetória acadêmica na UFBA e dos desdobramentos interinstitucionais, a evolução das discussões em torno das novas demandas da educação e do papel das tecnologias, neste processo, retratadas a partir de múltiplos olhares e perspectivas por diferentes pesquisadores que partilhavam do direcio-

namento teórico do organizador da obra. Tais discussões intensificam-se com o advento do Grupo de Pesquisa Educação e Comunicação – GEC, oriundo do antigo Núcleo de Estudos e Pesquisa em Currículo, que passa a ocupar-se especificamente das questões que relacionavam educação, comunicação e tecnologia. Contemporâneo ao movimento crescente de conexão e de consolidação da internet, a produção do GEC começa a contribuir para a construção de conceitos importantes nesta discussão da educação contemporânea, como por exemplo, o de cibercultura proposto por André Lemos, professor da Faculdade de Comunicação da UFBA, na época em estudos na França, e também pelo surgimento das primeiras traduções dos livros de Pierre Lévy. Passados 11 anos do início do GEC até a publicação da obra, os artigos constantes do livro são originados em grande parte da pesquisa “Educação e Tecnologias da Informação e Comunicação”, cujo objetivo é ampliar a reflexão teórica sobre a relação da educação com a comunicação, além de identificar, analisar e desenvolver experiências significativas de utilização das TIC nos processos educacionais, com especial ênfase na educação a distância.

4 Questões suscitadas - leituras

Dentre as questões levantadas junto ao texto, é possível destacar: Quais as implicações da presença das tecnologias no cotidiano escolar? Quais os pontos de tensão entre o modelo educacional convencional e a dinâmica imposta pelas tecnologias? De que forma as habilidades desenvolvidas pelos estudantes na utilização das redes de computador podem transformar a educação? Qual o potencial dos ambientes digitais e de rede na implementação de processos de aprendizagem? Qual a pertinência do currículo na sociedade contemporânea?

5 Registro da leitura

Buscar no Youtube entrevistas com os autores dos capítulos que possam contribuir na concepção de novas educações nascidas do contexto tecnológico. No grupo do Facebook “Tecnologia e novas educações”, disponível em www.facebook.com/groups/639901422703351, poste declarações, vídeos, fotografias, entre outros, relacionados às discussões realizadas a partir da leitura e das questões levantadas no item 4.

6 Links

Página de Nelson de Luca Pretto: www.pretto.info

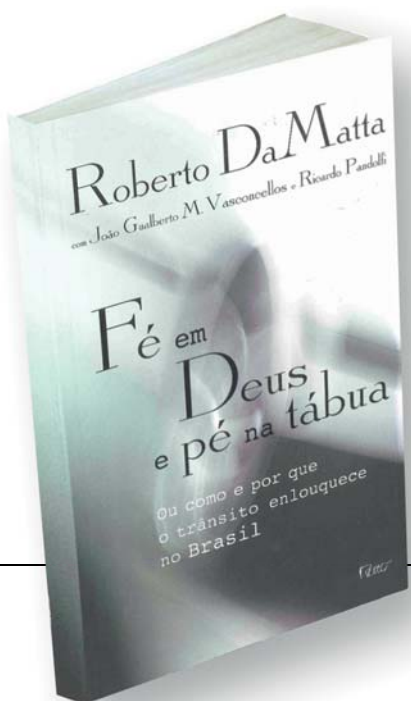
PRETTO, Nelson de Luca. Uma escola sem/com futuro: educação e multimídia. 6. ed. Campinas: Papyrus, 2005.

Entrevista de Nelson Pretto no Senid: www.youtube.com/watch?v=x8OkmGqvpY0

Referência

PRETTO, Nelson de Luca (Coord.) *Tecnologia e novas educações*. Salvador: Ed. Universidade Federal da Bahia, 2005.

Fé em Deus e pé na tábua: ou como e por que o trânsito enlouquece no Brasil (Rocco), de Roberto DaMatta



Vinícius Rauber e Souza - Mestre em Ciências Sociais

1 Autor

Roberto Augusto DaMatta (conhecido como Roberto DaMatta) nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 29 de julho de 1936. É considerado por muitos o maior antropólogo brasileiro da atualidade. Membro da Academia Brasileira de Ciências, é formado em História, com especialização em antropologia social, DaMatta fez mestrado e doutorado em Harvard.

Atua em diversos setores, sendo professor universitário, conferencista, colunista de jornais e pesquisador, entre outros. Já foi professor em diversas universidades, sendo que é professor da Universidade Federal Fluminense, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e ocupa a cátedra Reverendo Edmund P. Joyce. C.S.C., de Antropologia na Universidade de Notre Dame, em South Bend, Indiana, Estados Unidos.

DaMatta também é conhecido pelas suas colunas nos jornais O Estado de São Paulo e O Globo. Autor dos livros *O que faz o Brasil, Brasil?*, *A casa e a rua* e *Carnavais, malandros e heróis*, DaMatta é um dos maiores analistas sociais do que podemos chamar de brasilidade. DaMatta realiza uma reflexão sobre a estrutura da sociedade brasileira através do sistema cultural, abordando temas que estão inseridos no cotidiano do povo, como o carnaval, o futebol, a culinária, o jogo do bicho, as relações familiares e até mesmo o trânsito.

2 Obra

Em *Fé em Deus e pé na tábua: ou como e por que o trânsito enlouquece no Brasil*, DaMatta analisa o comportamento do brasileiro no trânsito. O título da obra já demonstra muito do estilo de sua escrita. Ele utiliza, em suas análises, expressões que estão no cotidiano das pessoas (ou melhor, *na boca do povo*) para entendermos as práticas e o modo de pensar do brasileiro.

A obra é parte de pesquisas realizadas como consultor para o Governo do Estado do Espírito Santo, através do seu Departamento de Trânsito (Detran), no ano de 2007. Da Matta aprofunda a análise do trânsito brasileiro através da perspectiva antropológica, com o objetivo de ir além das tradicionais receitas para melhoria do trânsito, invariavelmente superficiais, que apresentam fórmulas mágicas para a solução dos problemas.

Neste livro, o autor vai desvelar o que está por trás da violência no trânsito brasileiro, apontando causas muito mais complexas do que a falta de sinalização ou de fiscalização por parte dos agentes do Estado. Uma delas é a tendência do brasileiro a tratar a rua como um lugar hierárquico, não-igualitário, ferindo um dos princípios mais básicos da cidadania, que é o da isonomia entre as pessoas quando em espaços públicos. As ruas são estruturadas em relações de poder e status. Deste modo, os carros são os *donos das ruas*, em especial quando *eu* estou dirigindo, enquanto os pedestres e os outros motoristas, apenas atrapalham o trânsito.

Outro fator fundamental é o realismo brasileiro no que tange ao cumprimento de regras. Para a maioria dos brasileiros, mesmo um sistema que estabeleça punições rígidas pode ser flexibilizado pelo jeitinho ou com aquela famosa frase: *você sabe com quem está falando?* A obediência aos códigos é sinal de inferioridade social e, no mínimo, de ingenuidade. As regras são sempre feitas para os outros e nunca para si.

O livro é composto por seis artigos que podem ser lidos independentemente um dos outros. O primeiro artigo, “Dando partida”, trata justamente de situar o leitor nesta cultura aristocrática e hierarquizante do brasileiro. O carro vai permitir uma cidadania diferenciada para quem o possui, vai realizar o ideal hierarquizante no espaço igualitário das ruas.

No segundo artigo, denominado “Raízes da desobediência”, DaMatta nos aproxima dos motivos históricos e sociais que culminam em tal percepção, desde quando as pessoas precisavam abrir caminho e saudar a aristocracia durante a época do Império, passando pelo nosso republicanismo marcado pela nobreza e escravidão do fim do século XIX e início do século XX, até o descaso com o cumprimento das leis por parte de motoristas e pedestres, sejam eles pobres ou ricos, cada qual à sua maneira. DaMatta vai nos chamar a atenção para relação entre os acidentes de trânsito e um modo específico de conceber e usar o espaço público. Na rua, o outro é sempre visto como o inimigo, pois, ao contrário da casa, ela representa o caos, a bagunça e a violência, o que vai reforçar a insegurança ainda mais.

“Receitas para enlouquecer: avaliações e julgamentos do trânsito”, o terceiro artigo, descreve como as pessoas enxergam o trânsito. Ou seja, como as ruas foram construídas para os automóveis, que precisam ocupar os espaços disponíveis, em uma relação baseada no pertencimento e na subordinação em relação aos outros transeuntes. E somente fora do automóvel, na condição de pedestres, é que as pessoas conseguem perceber a irracionalidade deste sistema. Mesmo assim, é um sistema generalizado de desrespeito às regras de trânsito, o que inclui os pedestres e os ciclistas. É o *salve-se quem puder*, baseado no preceito de que *se os outros fazem, porque não hei de fazer também?*

“O carro é o motorista”, quarto capítulo do livro, aborda a construção social sobre o carro como uma extensão do indivíduo. Os carros são objetos de desejo da população, uma vez que colocam os indivíduos que os possuem em uma posição privilegiada com relação aos outros. E é claro, há uma hierarquia entre os próprios veículos. O carro de luxo, popu-

larmente conhecido por ser o *carrão*, produz mais efeitos de poder do que um carro comum, *popular*, e ainda mais em relação aos veículos menos valorizados, como uma *combi*.

No quinto capítulo, “Os motivos da loucura: um esboço de análise comportamental”, DaMatta traz à tona como estes princípios vão ser aplicados no dia a dia do trânsito. Ele explica como a insegurança da rua está intrinsecamente ligada à incerteza das pessoas quanto ao modo como serão tratadas nas relações com os outros indivíduos no trânsito. É o princípio do *vamos ver*, onde o sujeito não sabe ao certo se a sua situação de classe conseguirá se impor no caos das ruas. Destarte, existe uma *cultura* da violação das normas, que vai fazer com que infração seja uma característica do brasileiro, coisa que vai muito além do comportamento no trânsito.

O sexto e último capítulo, “Desligando o motor”, trata do modo ambíguo como o brasileiro pensa o sistema de trânsito e a solução para os seus problemas. Um sistema punitivo rigoroso é extremamente necessário, é o que o povo diz. Por outro lado, há uma consciência muito lúcida de que a criação de leis e normas não é suficiente, pois as características supracitadas da cultura brasileira no trânsito estão arraigadas de tal modo em nossas cabeças que é praticamente impossível simplesmente desconsiderá-las. Além disso, o sistema punitivo sempre deve ser rigoroso para com o outro e nunca para si mesmo.

3 Contexto

Em uma época de crescimento econômico do país, onde a aquisição de veículos automotivos é cada vez mais almejada (pelas pessoas) e induzida (pelo governo e pelo mercado), tratar do modo como vamos incorporar esta nova demanda é fundamental. E ler DaMatta é entender mais profundamente o trânsito brasileiro, trazendo uma reflexão para além daquilo que todos nós sabemos.

O meio mais fácil e mais prático de se alterar o panorama atual é através da educação, em especial dos jovens que estão ingressando como cidadãos ativos a partir dos 18 anos, quando estão possibilitados de tirarem suas carteiras de habilitações para dirigir veículos automotivos. Antes disso, os jovens estão situados em uma posição passiva, como pedestres, caronas ou usuários dos sistemas coletivos de transporte. Reprimidos, internalizam as regras desse jogo caótico, que é o trânsito no Brasil, e irão certamente reproduzi-lo sem pestanejar.

As mortes violentas no trânsito, a relação entre beber e dirigir, entre não cumprir as mais básicas normas de trânsito estão intrinsecamente relacionadas com a cultura brasileira. Em um momento em que cada vez mais se procuram soluções para o fim da violência no trânsito, DaMatta nos mostra que as raízes destes problemas e as suas respectivas soluções devem ser encontradas na cultura e nos elementos cívicos do brasileiro, muito além da criação de sistemas normativos ou punitivos, materializados nos códigos de trânsito.

Devido à análise de DaMatta torna-se possível, pela primeira vez, que os gestores pensem o sistema de trânsito como um sistema de práticas culturais. Ou seja, é um sistema que vem das pessoas para as instituições e que não é alterado simplesmente com mudanças tecnológicas, mas que precisa do engajamento e da compreensão da população para a superação de seus problemas.

4 Registro da leitura

Compartilhar suas vivências e experiências de leitura no grupo do Facebook, Pré-Jornada 2013 (www.facebook.com/jornadasliterarias), postando declarações, vídeos, fotografias, entre outros, relacionados às discussões realizadas a partir da leitura e das questões.

5 Links

Você pode acompanhar as colunas de Roberto DaMatta para o Jornal O Estado de São Paulo no seguinte link: www.estadao.com.br/colunistas/roberto-damatta

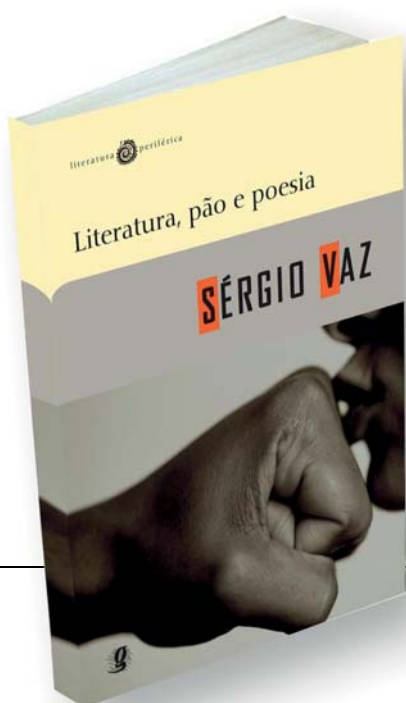
Na Revista Época, suas colunas estão disponíveis no link a seguir: www.revistaepoca.globo.com/palavrachave/roberto-damatta/

Confira a página de DaMatta no Facebook e se atualize nas discussões sobre os temas abordados pelo autor: www.facebook.com/pages/Roberto-DaMatta/136133499773811?rf=179498142060621

Referência

DAMATTA, Roberto; VASCONCELLOS, João Gualberto Moreira; PANDOLFI, Ricardo. *Fé em Deus e pé na tábua*: ou como e por que o trânsito enlouquece no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

Literatura, pão e poesia (Global), de Sérgio Vaz



Patrícia Valério - Mestre em Letras

1 Autor

Sérgio Vaz é poeta da periferia e agitador cultural. Mora em Taboão da Serra (Grande São Paulo) e vive nas periferias do Brasil. Tem quatro livros editados (*Subindo a ladeira mora a noite*, *A margem do vento*, *Pensamentos vazios* e *A poesia dos deuses inferiores*), é criador da Cooperifa (Cooperativa Cultural da Periferia) e um dos criadores do Sarau da Cooperifa, evento que transformou um bar na periferia de São Paulo em centro cultural, e que, às quartas-feiras, reúne em torno de 300 pessoas para ouvir e falar poesia; este fato gerou um livro com 43 autores, um CD de poesia com 26 poetas, uma tese de mestrado e diversos documentários, além do reconhecimento e respeito da comunidade. Também se transformou num dos maiores quilombos culturais do país. Vaz é autor do Projeto Poesia Contra a Violência, que percorre as escolas da periferia incentivando a leitura e a criação poética como instrumento de arte e cidadania. Tem várias participações poéticas em CDs de Rap: Sabedoria de Vida, GOG, 509-E, Di Função, Versão Popular, Periafricana, entre outros. Por conta de suas atividades nas comunidades carentes, ganhou o título de Poeta da Periferia. Pela Global Editora, publicou *Colecionador de pedras* e *Literatura, pão e poesia*.

2 Obra

A obra *Literatura, pão e poesia*, publicada pela Global Editora, em 2011, reúne 56 crônicas em 185 páginas. A apresentação de Heloísa Buarque de Hollanda e o posfácio de Eliane Brum apontam para a leitura de linguagem acessível, porém profunda, com muitas marcas de subjetividade. As crônicas, algumas datadas, outras não, seguem em uma apresentação aleatória, não cronológica. É possível perceber a arte da poesia

até mesmo na organização dos textos que parecem seguir um certo raciocínio temático do autor, o que dá uma ideia de organização por seções. A profundidade que emerge da escrita de Sérgio Vaz convoca o leitor a participar da obra a cada texto, ora concordando, ora discordando. O certo é que é impossível não ser tocado pela linguagem do texto. Nessa obra, fica comprovado que a arte é o alimento da alma.

3 Contexto

Literatura, pão e poesia surge no cenário da literatura marginal. É uma literatura cuja raiz é o povo. O texto brota da mesma forma como nasce a singularidade da vida de suas personagens. Os antagonistas viram protagonistas diante dos olhos do leitor que é provocado o tempo todo a refletir sobre suas concepções prévias a respeito das pessoas, do mundo. Em pleno apogeu da tecnologia, Sérgio Vaz, como um desbravador que luta pela palavra na sua acepção mais pura, vem provar que a poesia feita com palavras e sensibilidade é fundamental na vida. Suas histórias, muitas vezes autobiográficas, põem em ação as contradições do sujeito, refletem sobre a vida, sobre a morte.

Há um quê de erudição do autor contrastando com a temática explorada nos textos. É preciso ler para entender. A temática da 15ª Jornada Nacional de Literatura, “Leituras jovens do mundo”, sintoniza com a temática das crônicas de Vaz. São os jovens, de idade e de espírito, os protagonistas da vida que pulsa em cada texto.

4 Questões suscitadas – leituras

Nascido e criado na periferia de São Paulo, Vaz escreve com a autoridade de quem já sentiu na pele as agruras da vida que não o deixaram calejado, mas transformaram sua dor em poesia.

É o próprio autor quem melhor define seu texto: “Minha poesia é bipolar: ora com um sorriso no rosto, ora com uma pedra na mão” (VAZ, 2011, p. 133). A obra possibilita a imersão em um mundo que, para muitas pessoas, pode ainda ser desconhecido.

Às vezes, a linguagem é tão direta que chega a chocar o leitor, em outras, é pautada pela sensibilidade que emociona o leitor. O certo é que é impossível ficar indiferente à obra. A mistura de sentimentos que a obra provoca, como em *A fina flor da malandragem* (p. 19), desafia o leitor a mudar o ponto de vista – ou seria a vista do ponto? Goste ou não da temática, o leitor é provocado a ver a vida e a pensar sobre ela.

Em alguns textos, como em *Sobre kichutes e chuteiras* (p. 141), a poesia emerge da reflexão sobre as injustiças sociais que levam alguns a ter muito e outros quase nada. Em outros, exalta a importância da escola na sua formação e na sociedade. Para o autor, o professor até quando é ruim é bom: “Eu, quando estou em perigo, chamo um professor, não quero saber se ele é da rua ou se é da escola, consulto sempre um mestre”. (VAZ, 2011, p. 128). E ensina, com isso, que podemos encontrar professores além dos muros das escolas. O professor pode ser um pai, uma mãe, um amigo, um morador de rua e até – aí entra a irreverência do ponto de vista do autor que conhece a realidade – na marginalidade.

O leitor perceberá a grande variedade de temas contemplados nessa obra: a exaltação às mulheres que lutam para garantir o sustento dos filhos, como em *Deusas do cotidiano* (p. 110), o futebol, em *Gol de letra* (p. 88), a periferia, como em *Manifesto da antropofagia*

periférica (p. 50). A garra e a coragem das personagens que representam um Brasil, muitas vezes camuflado pela mídia, são sentimentos que exalam em textos como em *O pequeno príncipe* (p. 118). Para enfrentar a dura realidade, Vaz ensina a lutar: “Vamos derrubar o muro agora! Está proibido chorar sem lutar. Está proibido chorar se não for por momentos de felicidade” (VAZ, 2011, p. 38). A obra é uma celebração da esperança.

5 Registro da leitura

Compartilhar suas vivências e experiências de leitura no grupo do Facebook, Pré-Jornada 2013 (www.facebook.com/jornadasliterarias), postando declarações, vídeos, fotografias, entre outros, relacionados às discussões realizadas a partir da leitura e das questões.

6 Links

Assista ao mais novo programa de Sérgio Vaz, Encontros Poéticos, promovido em São Paulo pelo Itaú Cultural. O programa tem por objetivo valorizar a palavra e a poesia, chamando para isso poetas, músicos, produtores e artistas em geral. Ouça aqui o programa: www.novo.itaucultural.org.br/canal-radio/encontros-poeticos/

Conheça a Cooperifa, a Cooperativa Cultural da Periferia, criada pelo poeta Sérgio Vaz: www.cooperifa.blogspot.com.br

Visite o blog do autor e conheça poemas inéditos: www.colecionadordepedras1.blogspot.com.br

Assista a entrevistas com o autor: www.youtube.com/watch?v=f8NP9c4Fdx4 ;

www.tvcultura.cmais.com.br/provocacoes/programa-552-com-o-poeta-da-periferia-sergio-vaz-24-01-2012

Leia mais sobre Sérgio Vaz:

www.revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI63130-15228-1,00-SERGIO+VAZ+O+POETA+QUE+AGITA+VIDA+CULTURAL+DA+PERIFERIA+DE+SAO+PAULO.html

www.musicapoesiabrasileira.blogspot.com.br/2008/04/srgio-vaz-o-poeta-da-periferia.html

As obras a seguir possuem temáticas que dialogam com *Literatura, pão e poesia*:

BRUM, Eliane. *A vida que ninguém vê*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

JESUS, Carolina Machado de. *Quarto de despejo*. São Paulo: Ática, 2007.

FREIRE, Marcelino. *Angu de sangue*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2000.

Assista aos filmes indicados:

ENTRE os muros da escola. Direção de: Laurent Cantet. França: Imovision, 2008. 1 DVD.

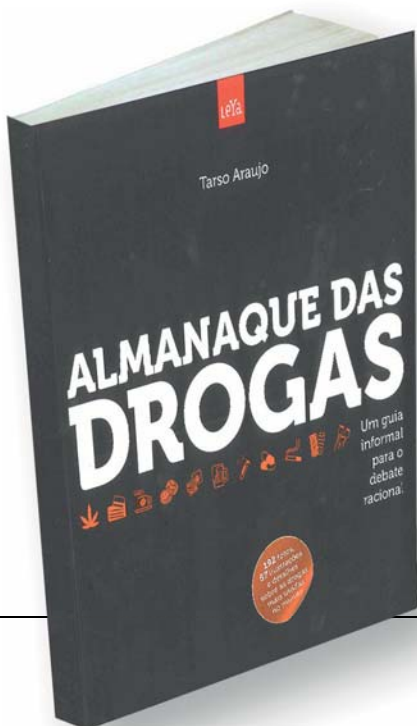
ESCRITORES da liberdade. Direção de: Richard LaGravenese. EUA: Paramount Pictures, 2006.

PRO DIA nascer feliz. Direção de: João Jardim. Brasil: Tambellini Filme, 2006. 1 DVD.

Referência

VAZ, Sérgio. *Literatura, pão e poesia*. São Paulo: Global, 2011.

Almanaque das drogas (Leya), de Tarso Araujo



Fabiola Hauch - Mestranda em Letras – PPGL/UPF

1 Autor

Tarso Araujo nasceu no Rio de Janeiro, jornalista renomado, é repórter especialista em drogas. Desde 2012, é editor da revista Galileu e blogueiro, mantendo diversificadas inserções na rede. Tarso já trabalhou nos veículos de comunicação Globo.com, Grupo Abril e Folha de S.Paulo.

Durante a trajetória jornalística, suas reportagens sobre drogas lhe renderam o Prêmio Esso de Criação Gráfica 2008, com o trabalho *Cigarro e álcool na adolescência*, publicado no jornal Folha de S.Paulo, e o Prêmio Abril de Jornalismo 2009, com a reportagem *Um craque fora do ar*.

Tarso publicou o livro *Almanaque das drogas* pela editora LeYa, em 2012, e na continuidade do projeto, o escritor mantém um site sobre o livro (www.almanaquedasdrogas.com) com espaço para discussões contínuas e interação com os leitores. O jornalista também organiza palestras, debates e dinâmicas sobre drogas e redução de danos, projeto realizado em parceria com o Ateliê Clínico Educativo Criançeria de São Paulo.

2 Obra

Um guia informal para um debate nacional. A proposta do autor Tarso Araujo, em *Almanaque das drogas*, tem a ideia de desmitificar os dogmas existentes acerca das drogas e do seu uso, um traço cultural tão antigo quanto o ser humano. A divisão em capítulos dinamiza as áreas que se relacionam ao assunto e a linguagem informal do autor favorece um diálogo íntimo com o leitor, como se Araujo estivesse sentado ao lado do leitor contando as aventuras viciantes sobre as informações do mundo das drogas.

Com 192 fotos e 57 ilustrações, a linguagem não-verbal e a linguagem verbal

formam uma dupla significativa para sistematizar o entendimento de passagens importantes como os efeitos de cada droga no organismo humano ou a rota que o tráfico de drogas realiza. No capítulo “Básico”, o autor apresenta o que são as drogas e suas divisões e definições, tipos, uso, efeito e controle. Com o conceito grego de que nenhuma droga é boa ou má em si, pois depende do uso que se faz dela, Tarso aposta na informação para formar a opinião particular. A legalidade ou ilegalidade das drogas ganha um aparato mais profundo quando apresenta-se os estigmas das autoridades e as ações nem sempre condizentes – nem sempre quesitos farmacológicos e médicos são levados em consideração, mas sim quesitos políticos e econômicos.

Seja para o uso recreativo, medicinal ou religioso, a primeira grande diferença é explicada em meio a tantos termos: nem todo o usuário de drogas é dependente, mas todo o dependente é usuário. A definição é pertinente no momento em que as drogas deixam apenas de ocupar o campo ilícito para trabalhar com a ideia de que o café, a aspirina, o álcool e o tabaco, por exemplo, também são drogas. Além disso, a dependência de muitas drogas lícitas são maiores do que as ilícitas, como o caso do tabaco e da maconha. O impacto das drogas também é avaliado em um peso incerto, como dizer se são leves ou pesadas? Beber cerveja pode passar de um hábito saudável para um hábito arriscado e que pode levar à morte. Assim, as drogas são exemplificadas como qualquer substância capaz de alterar o funcionamento normal de um organismo.

Na abertura de espaço para o capítulo “História”, uma profunda pesquisa resgata relatos pela Antiguidade, Idade Moderna, Renascimento, Globalização, Era Moderna e o *boom* do consumo. O uso de drogas psicoativas pelos humanos é mais antigo do que as primeiras civilizações. O homem sempre esteve ligado às drogas, seja por questões místicas, de ritual ou para processos psicoativos.

As drogas são familiares, no período Neolítico a humanidade usava e até sabia fabricar substâncias, a receita mais antiga é a de cerveja dos sumérios. As drogas contemplavam um campo que vagava entre a religião e a medicina e o social e o prazer. A religião e a espiritualidade eram os motivos mais fortes ligados às drogas, mas hoje acabam sendo contraditórios pela imoralidade.

A cultura xamânica com seus rituais e portais para a espiritualidade, a ideia de remédio e veneno partindo da mesma essência, o Cristianismo e a importância do vinho, toda a história da humanidade está acompanhada pelo uso de algum tipo de droga. A alquimia e a preservação de antigos ensinamentos do uso de diferentes drogas, os estudos da botânica, a química, tudo é devidamente explicado pelo autor que busca fornecer um aparato de fôlego ao leitor. Ainda, as guerras motivadas e levadas pelas drogas aparecem ao lado de políticas mundiais e convenções da ONU para rebater a disseminação do uso.

O capítulo “Economia” apresenta o mercado legal e ilegal e a corrupção do meio. As políticas de proibição nem sempre dão certo. Enquanto as drogas lícitas impulsionam o mercado de comunicação, transporte e embalagens, as drogas ilícitas têm um amplo campo de crimes e corrupção. Porém, ambos criam uma leva de empregos. Os países em desenvolvimento têm mais contrabando e comércio informal, aliado a cultura da violência – neste âmbito a corrupção, a propina e casos famosos de autoridade que cederam à corrupção fecham o quadro.

No capítulo “Saúde”, a ação no cérebro, o prazer, os riscos, a prevenção e o tratamento são abordados em gráficos e mensurações quanto aos modos de uso, as disposições

genéticas particulares de cada pessoa e a facilidade ou não em tornar-se dependente, além de derrubar alguns mitos acerca do próprio uso, vício e tratamento. Sobre as formas de tratamento, o autor coloca que, em 100 anos, as abordagens evoluíram de manicomial para multidisciplinar e científico, com especialistas e remédios.

Os acordos e medidas do capítulo “Política” trazem três pontos básicos: a proibição, a descriminalização e a legalização. Há controvérsia de qual é o meio menos prejudicial de liberar ou não as drogas. Reflexões apontam ainda que nem sempre a lei afeta o consumo e o comércio de drogas, muitas vezes, a proibição causa efeito reverso. Experiências como *coffee shops* na Holanda, o uso de maconha medicinal na Califórnia e outras políticas duras contra as drogas, como na Suécia, são trazidas em comparativos. Pensar em não tratar usuários como criminosos é uma tendência que está se concretizando, embora ainda não é possível dizer que há uma descriminalização da droga no Brasil. Por fim, o capítulo “Drogas de A a Z” traz um dicionário com todas as informações e impactos das drogas.

3 Contexto

A obra traz reflexões culturais, sociais, políticas e econômicas. No tratamento das drogas sem amarrar-se a mitos, o autor traça um conteúdo profundo e completo sobre o assunto. Os conceitos e dados apresentados iniciam desde a Pré-história e chegam até os dias atuais, há uma verdadeira linha do tempo perceptível na construção do livro. No tratamento das drogas como uma cultura inerente ao ser humano, a existência, resistência e evolução das drogas são explicadas e referidas por diversos exemplos. Tarso apresenta que as drogas não se restringem apenas ao que se conhece como ilícito, mas que no hábito de tomar café todos os dias e de beber uma cerveja aos finais de semana, também há substâncias que alteram nosso comportamento ou percepção.

O livro traz uma linguagem informal, próxima e que convida o jovem a encarar o almanaque de mais de 300 páginas como uma diversão do saber. Em nenhum momento usam-se pré-conceitos e preconceitos, busca-se apenas informar e formar o cidadão acerca de um assunto que definitivamente faz parte da cultura de todos os povos. Contradições de políticas são apontadas e a economia entra como uma forte detentora do que é bom ou não quando se fala em comércio de substâncias psicoativas. A clareza com que os fatos são colocados dá consistência para que adultos e jovens, principalmente, tenham noção de todo o contexto em que as drogas aparecem na sociedade.

E antes de dizer que drogas fazem mal e devem ser proibidas, o autor explica a realidade do que cada substância é capaz de fazer. O jornalista fala uma linguagem universal para os jovens do mundo e sem fronteiras, que cansaram de escutar a mesma receita de bolo sobre as drogas e que esperam que mais cedo ou mais tarde alguém lhes conte a verdade. Assim, pode-se estruturar um paralelo com a temática da 15ª Jornada Nacional de Literatura, que traz o tema “Leituras jovens do mundo”. Um tema que é considerado tabu e que está desgastado, é renovado de forma competente para que os jovens queiram, sim, saber o que acontece no universo das drogas. Além disso, abre-se a possibilidade da discussão multidisciplinar, a fim de contextualizar como as coisas acontecem, as motivações e como a humanidade caminhou para o atual cenário do consumo e venda de drogas.

4 Questões suscitadas - leituras

Através do *Almanaque das drogas* é possível entender o nascimento do consumo das drogas na sociedade, algo que perpassa a própria civilização como conhecemos hoje. De tal forma, a discussão de políticas para drogas torna-se muito mais perceptível e possível aos olhos dos jovens e também adultos que têm opiniões cristalizadas sobre o tema. Entende-se ainda os respingos nada seguros que as drogas causam, como a corrupção, o tráfico, a violência, a violação dos direitos humanos. Pode-se ter conhecimento da classificação das drogas, do local em que são produzidas e como são difundidas, como podem ser usadas e como são controladas. A história detalhada com referências clássicas, dos gregos aos romanos, dos orientais e seus ritos espiritualizados, da cultura xamânica ao cristianismo, as drogas perpassam todos os marcos da história. Até mesmo a guerra mais rápida de todas, a *blitzkrieg*, foi movida a metanfetamina.

A lavagem de dinheiro e corrupção são temas discutidos conjuntamente em convenções da ONU e medidas governamentais, jurídicas e policiais para criar uma política das drogas. Legalização, descriminalização e proibição entram como a tríade que ainda não descobriu qual é o melhor caminho para que as drogas não sejam tão prejudiciais ao ser humano.

Referências históricas, do cinema e televisão, assuntos próximos aos jovens ajudam na identificação do tema, para que eles possam ver que a ficção é muito da realidade velada embaixo da simples resposta “não” para tudo.

5 Registro da leitura

Compartilhar suas vivências e experiências de leitura no grupo do Facebook, Pré-Jornada 2013 (www.facebook.com/jornadasliterarias), postando declarações, vídeos, fotografias, entre outros, relacionados às discussões realizadas a partir da leitura e das questões.

6 Links

Pelas inserções e referências do autor, o tema pode ser abordado com inúmeras ligações. Os seriados *Os Simpsons* e *House* podem ser utilizados para exemplificar questões em relação ao uso das drogas, seja pelo personagem alcoólatra de Homer ou pelo vício no remédio Vicodin do personagem Dr. House.

Referências à contracultura também estão presentes ao citar o criador do LSD, Albert Hofmann, e os escritores da *beat generation*, Aldous Huxley e Allen Ginsberg, todo o movimento hippie e de contestação.

O filme do diretor Danny Boyle, *Trainspotting*, clássico dos anos 90, também traz uma geração perdida em busca do sonho americano e do prazer fácil, das escolhas e da posição que cada um assume em sociedade e perante o seu próprio destino.

Outros links na internet podem suscitar o debate: a entrevista do autor no Programa do Jô (www.globotv.globo.com/rede-globo/programa-do-jo/v/entrevista-com-o-jornalista-tarso-araujo/2150423/), o site do livro (www.almanaquedasdrogas.com), o projeto *Projeto Escola: Drogas em debate*, e a página no facebook do livro (www.facebook.com/almanaquedasdrogas).

7 Referências

ARAUJO, Tarso. *Almanaque das drogas*. São Paulo: Leya, 2012.

_____. *Almanaque das drogas*. Site. Disponível em: <www.almanaquedasdrogas.com>. Acesso em: 10 abr. 2013.

GLOBO TV. *Entrevista com o escritor Tarso Araujo*. Disponível em: <www.globotv.globo.com/rede-globo/programa-do-jo/v/entrevista-com-o-jornalista-tarso-araujo/2150423/>. Acesso em: 10 abr. 2013.

TRAINSPOTTING: Direção de: Danny Boyle. Reino Unido: Channel Four Films, 1996. 1 DVD.

O amor nos tempos do blog (Record), de Vinícius Campos



1 Autor

Vinícius Campos é escritor, jornalista, ator e apresentador. Começou aos 15 anos atuando em comerciais de TV, depois escreveu e atuou em peças de teatro. Em 2005, mudou-se para Buenos Aires; trabalhou como tradutor até ser contratado pelo Disney Channel, em 2008, onde hoje apresenta *A casa do Disney Junior*. Publicou no mesmo ano seu primeiro livro, *Expedições do Vini – Famílias*, e, em 2011, publicou na Argentina *El amor en los tiempos del blog*. Em 2012, recebeu proposta da Cia. das Letras e publicou no Brasil a versão em português, que ele mesmo traduziu, *O amor nos tempos do blog*. Ainda publicou no mesmo ano *Detectives especiales*, pela Ediciones B, da Argentina. Vinícius Campos ainda assina uma coluna de turismo no UOL Crianças.

2 Obra

Ariza é um garoto de 13 anos com muito a dizer, mas, como é comum nessa idade, pouco disposto a ouvir. A sorte de Ariza (*nickname* emprestado do protagonista de *O amor nos tempos do cólera*) é que ele nasceu “...nos tempos do blog”. Sua voz e o modo como ele decide torná-la audível são os grandes pontos-chave na obra de Vinícius Campos.

Ao devolver um livro na biblioteca, Ariza se depara com a garota mais linda do mundo. Ela sorri para ele, e isto é suficiente para que Ariza se apaixone. Sem saber bem o que fazer com este novo sentimento, e sem coragem de confrontar sua amada nos misteriosos descaminhos do flerte, Ariza decide criar um blog. “Ariza em Silêncio”. Acreditando que ninguém o lê, Ariza usa o blog como válvula de escape para suas dúvidas e angústias, até encontrar, como o naufrago que apanha uma mensagem na garrafa, um singelo e solitário *comment*. É quando en-

tram na vida de Ariza duas blogueiras com personalidades distintas, “Cinderela Virtual” e “Deusa Cibernética”.

A interação entre estes três blogs, vozes de três personagens diferentes, dita a narrativa de Vinícius Campos. O leitor tem acesso apenas à perspectiva de Ariza, e através dela conhece as personagens e o (hiper)diálogo que as conecta. Auxiliado pelo projeto gráfico de Julio Mariutti, Campos varia cor, diagramação, fonte, léxico e ritmo para dar forma a cada uma das vozes em *O amor nos tempos do blog*, uma busca do autor por identidade que parece prescrever aos nossos “tempos do blog” algum paliativo para a balbúrdia virtual que aniquila individualidades. Esta é a verdadeira procura de Ariza, em *O amor nos tempos do blog*, expedição em busca da sua voz, única, inconfundível, uma problemática tanto dos nossos tempos quanto da própria adolescência. A preciosa Fermina de Ariza é sua própria identidade.

3 Contexto

O amor nos tempos do blog não é apenas a reprodução estéril de uma mídia por outra, corruptela da noção de hipertextualidade muito frequente em más literaturas. O sopro de lidimidade que Vinícius Campos confere à sua narrativa encontra correspondência precisa no discurso do adolescente, do blogueiro, da indistinta e insignificante partícula na nuvem; afinal não seríamos todos nós um pouco adolescentes, sufocados na voz e reprimidos na identidade, quando nos encontramos no vasto salão de espelhos que é a internet?

Lançado em 2012, *O amor nos tempos do blog* aceita o desafio de manter-se atual (mais do que se isso, de manter-se contemporâneo) em um tempo de validades tão prematuras. A começar pelo uso do blog, cuja popularidade empalidece gradativamente perante as redes sociais. Ao mesmo tempo, o livro de Campos pode ser tido como atemporal na medida em que o amor (idealista) é atemporal, ou seja, há de se dirimir logo de cara um problema: *O amor nos tempos do blog* assume uma inflexão passageira (como o amor adolescente, ou simplesmente o amor como o conhecemos) ou perene e inquebrantável como o amor possível apenas nas grandes literaturas (pois o livro também precisa ser forte para carregar o amor que defende ao largo do tempo)?

Campos evidentemente rejeita a pretensão da segunda alternativa; por outro lado, sua alusão ao romance de García Márquez indica que ele tampouco abraça a primeira. Ao lembrar a troca de cartas entre Florentino Ariza e Fermina Daza, Campos lembra que, independentemente do suporte, da idade (do tempo e do espaço), há algo de platônico, implacável e impotente em todo amor, e quem sabe o namoro pelo intermezzo da página guarde a cautela medida para não espatifá-lo, como o desenho de areia que se desfaz com a respiração quando se chega perto demais. Neste sentido, *O amor nos tempos do blog* trata mesmo daquela dose saudável de ilusão e de um futuro imaginado, sempre mais belo, mais vivo, que todo o amor e todo o adolescente ministram para si mesmos.

4 Questões suscitadas - leituras

O vínculo mais evidente que *O amor nos tempos do blog* estabelece é com a hipertextualidade, e devido a um dado básico: a estrutura de sua narrativa. Ao emular o diálogo de três blogs (“Ariza em Silêncio”, “Cinderela Virtual” e “Deusa Cibernética”), Campos costura

em seu livro o atravessamento de vozes, espaços e pontos de referência típicos de uma construção hipertextual.

Embora a marcação das datas que antecedem cada “post” no livro pareça determinar uma linearidade, a possibilidade de ler apenas o terceiro blog para depois ler o primeiro, assim como qualquer escolha desvinculada de imposições autorais (começar um livro da última página, por exemplo, como nos sugere Nabokov logo no início do seu *Fogo pálido*), é deixada em aberto ao leitor — especialmente porque o leitor em questão, para o qual Campos idealizou *O amor nos tempos do blog*, nasce em um tempo cujas fronteiras são imaginárias, cujos muros são de fumaça. O leitor de *O amor nos tempos do blog* desconhece esses limites mundanos uma vez impostos aos seus pais e avós.

Dito isto, a ligação entre o livro de Campos e o de García Márquez não deve ser superestimada. Embora seja possível conceber alguma paridade entre a correspondência por carta e por “post”, em tempos diferentes (não só do tempo diegético, mas do próprio tempo de produção dos textos, verificar o que muda e o que não se altera jamais), o próprio Vinícius Campos, em entrevista à Gazeta do Povo, admitiu que a referência a *O amor nos tempos do cólera* é inocente. “Enquanto procurava por referências na minha biblioteca, encontrei o livro do García Márquez. Espero que os leitores procurem pelas obras dele também”.

Observar o amor em seu habitat mais perverso, a distância, é sempre elucidativo. *O amor nos tempos do blog* disponibiliza uma atualização em termos de forma e de cenário, e um confronto desta perspectiva com outras, guardadas para sempre em seu lugar particular no tempo (século XIX, primeira metade século XX), pode revelar possibilidades de leitura interessantes.

5 Registro da leitura

Compartilhar suas vivências e experiências de leitura no grupo do Facebook, Pré-Jornada 2013 (www.facebook.com/jornadasliterarias), postando declarações, vídeos, fotografias, entre outros, relacionados às discussões realizadas a partir da leitura e das questões.

6 Links

Além da repisada conexão entre seu livro e o de Gabriel García Márquez, *O amor nos tempos do cólera*, é possível encontrar links mais particulares na obra de Vinícius Campos, quem sabe alguns fornecidos pelo próprio autor.

Vinícius Campos manteve um blog enquanto escrevia (ou traduzia a si mesmo do original espanhol para o português) *O amor nos tempos do blog*. Na página, Vinícius divide um pouco do seu processo criativo e do processo de edição do livro; encontramos, por exemplo, posts em que ele explica referências que usou ou em que compartilha o design da capa que acabara de receber da Cia. Das Letras. O endereço é:

www.oamornostemposdoblog.blogspot.com.br.

Campos disponibiliza, na sua biografia presente no livro, o seu perfil no Twitter (@vini80) e no Facebook www.facebook.com/viniciusator.

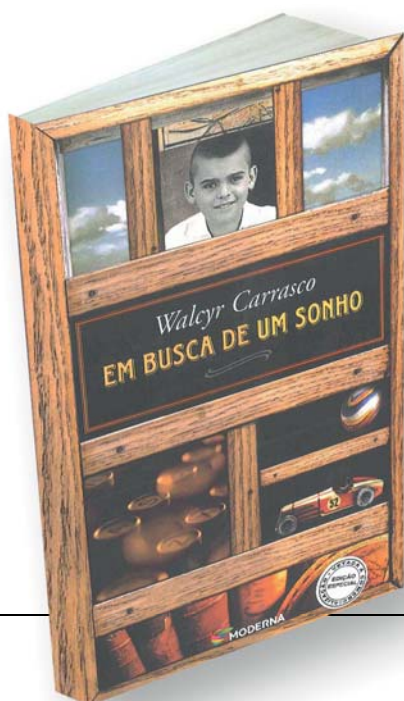
Referências

CAMPOS, Vinicius. *O amor nos tempos do blog*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. *O amor nos tempos do blog*. Blog. Disponível em: <www.oamornostemposdoblog.blogspot.com.br>. Acesso em: 10 abr. 2013.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *O amor nos tempos do cólera*. 13.ed. Rio de Janeiro: Record, 1993.

Em busca de um sonho (Moderna), de Walcyrr Carrasco



1 Autor

Walcyrr Carrasco nasceu em 1º de dezembro de 1951, na cidade de Bernardino de Campos, São Paulo. Filho de um ferroviário, João, e de uma comerciante, Angela, irmão de Airton e Ney, passou a infância e pré-adolescência em Marília, onde cursou o primeiro e o segundo grau. Mudou-se então para São Paulo e estudou no antigo Colégio de Aplicação da USP. Formou-se em jornalismo pela Escola de Comunicações e Artes da USP. Seu pai sempre o estimulou a estudar, pois acreditava num futuro melhor para o filho. O gosto pela leitura despertou ainda na infância, iniciando-se com obras de Monteiro Lobato, que o estimularam a ler todos os livros que surgiam em suas mãos, até os impróprios para a idade. Durante muitos anos, trabalhou como jornalista nos principais órgãos de imprensa do país, nas revistas *Veja* e *Isto É* e nos jornais *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo* e *Diário Popular*. Com a finalidade de tornar realidade um sonho, Walcyrr Carrasco pede demissão de uma das mais prestigiadas revistas do país e embarca numa viagem para os Estados Unidos. A trajetória, muitas vezes complicada, não o desviou do seu objetivo. De toda essa coragem nasceu um vendedor, professor, redator, ator, figurinista, tradutor e repórter esportivo, algumas funções desempenhadas por um jovem que aprendeu a lutar pelo que queria: ser escritor. Aos 28 anos, publicou seu primeiro livro *Quando meu irmãozinho nasceu* (1987). Entre suas obras voltadas ao público juvenil está a autobiografia *Em busca de um sonho*, lançada em 2006, pela Editora Moderna, e vencedora do prêmio Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil de 2007. Seus livros infantis e juvenis já conquistaram a menção “Altamente Recomendável” da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Atualmente, é escritor de novelas e alguns de seus memoráveis trabalhos são: *Xica da Silva*, *O cravo e a rosa*, *A padroeira*, *Chocolate com pimenta*, *Sete pecados*, *Alma gêmea* e *Amor à vida*.

2 Obra

Dividido em dezessete capítulos, a história inicia com um narrador em primeira pessoa, sendo o próprio autor, relembrando sua infância, as dificuldades da família em Marília, que residia na casa dos fundos em frente ao bazar da mãe e o desejo de se realizar profissionalmente um dia na vida. Cada capítulo do livro é um relato linear, uma viagem no tempo, em que o autor narra os obstáculos e as dificuldades que enfrentou, e as soluções que obteve para viver em um contexto muitas vezes desfavorável. Numa narrativa carregada pelo discurso subjetivo, Walcyr Carrasco revela aos leitores como decidiu abrir mão de algumas profissões, que muitas vezes se mostraram promissoras e estáveis para ir em busca de algo que o completasse mais. Dessa forma, o autor conta os muitos reveses de sua vida, como abandonou um curso superior para iniciar outro, na tentativa de se firmar em outra profissão, deixou empregos fixos para se aventurar numa viagem pelos Estados Unidos por terra, seguindo um caminho pela América Latina, ao lado de um amigo. Com muita ousadia, deixou um emprego em uma agência de publicidade porque não se identificava nesse trabalho e abandonou uma revista renomada para dedicar seu tempo ao interesse artístico. Entre essa tumultuada vida profissional, após muitas tentativas, muitos percalços e muitos “nãos”, o autor realiza o sonho ainda despertado na infância, de ser escritor. Ao contar sua história, Walcyr Carrasco passa ao leitor que não importa qual seja a profissão escolhida, o sucesso triunfará se essa for realmente a sua vocação. Mas para obtê-lo é preciso que haja decisão, persistência, coragem e muita ousadia. Segundo o autor: “Eu estava decidido a tudo, a qualquer sacrifício para ser escritor. Paixão, eis a palavra. Tive certeza. Ser escritor. Esta era a minha vocação. Meu sonho” (CARRASCO, 2006, p. 157).

3 Contexto

A época em que o enredo da obra *Em busca de um sonho* se desenvolve é um período que marca inúmeras transformações no nosso país. A trama é ambientada inicialmente na cidade de Marília e, posteriormente, na cidade de São Paulo. Em meio aos relatos do autor sobre os importantes acontecimentos de sua vida e a busca pela realização de um sonho, o cenário é a época do regime militar, que justificava a forma rígida de governo como uma maneira de trazer estabilidade política para a nação e protegê-la das “ameaçadoras e perigosas ideologias” que circulavam, como a comunista. A história ganha consistência justamente porque consegue fazer essa retomada de fatos históricos mesclados a vivência de uma pessoa que buscava se firmar profissionalmente em uma sociedade. O romance de Walcyr Carrasco publicado em 2006 é uma viagem ao túnel do tempo e mostra não somente as lembranças do árduo caminho para realizar um sonho, despertado ainda na infância enquanto menino pobre, mas também representa a trajetória de um jovem em busca de seus objetivos, que nos dias de hoje resulta no escritor consagrado que se tornou. Essa distância que separa o presente e o passado é diminuída pelo romance, pois muitas pessoas hoje podem se identificar com a história de Walcyr Carrasco. Dessa forma, é possível um diálogo entre *Em busca de um sonho* e a temática da 15ª Jornada Nacional de Literatura, “Leituras jovens do mundo”, que está focada nos

jovens, personagens de suas próprias histórias que carregam consigo sonhos, desejos e as promessas de um amanhã.

4 Questões suscitadas - leituras

É impossível realizar a leitura de *Em busca de um sonho* e não conseguir se emocionar com a trajetória do jovem que lutou pelo que queria. Emocionante pela difícil realidade de vida de algumas pessoas e isso desperta as mais variadas percepções no leitor, que se envolve nessa prosa fascinante, carregada pela linguagem pessoal do autor. Cada capítulo é um sonho, uma perspectiva de se firmar profissionalmente para obter um futuro melhor. Apesar de ser um romance sobre a trajetória de vida de Walcyr Carrasco, num passado um pouco distante, o livro não deixa de representar a vida, os desejos, os anseios e buscas de jovens que passam por muitos obstáculos a fim de realizarem seus sonhos. O autor, proveniente da época descrita no romance, sugere do início ao fim da narrativa, a importância da vocação para o sucesso profissional e a constante insistência para alcançar seus objetivos. *Em busca de um sonho* contribui para o enriquecimento da produção romanesca destinado ao público jovem e faz de Walcyr Carrasco um escritor consagrado na literatura infantil e juvenil nacional.

5 Registro da leitura

Compartilhar suas vivências e experiências de leitura no grupo do Facebook, Pré-Jornada 2013 (www.facebook.com/jornadasliterarias), postando declarações, vídeos, fotografias, entre outros, relacionados às discussões realizadas a partir da leitura e das questões.

6 Links

Ao longo de *Em busca de um sonho*, o autor menciona algumas obras como *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato e *Simbad, o marujo*, pelas quais iniciou seu gosto pela leitura, e algumas que dialogam com o romance, tais como *As mil e uma noites*, coleção de histórias e contos populares originárias do Médio Oriente e do sul da Ásia e *O conde de Montecristo*, de Alexandre Dumas. Dessa forma, é possível estabelecer uma relação entre a história de Walcyr Carrasco e estas duas obras mencionadas, pois ambas apresentam personagens que lutaram sem medir esforços pelo que queriam. Na versão mais conhecida de *As mil e uma noites*, o rei resolve matar uma esposa por noite, após saber que foi traído. Sherazade se casa com ele e conta uma história por noite para o rei não matar as demais jovens do reino, e o protagonista do segundo livro se vinga pela acusação de um crime que não cometeu. Assim, estas personagens encontraram uma maneira para chegar até seus objetivos. Na história do livro ainda é possível encontrar referência a duas peças: *Os gigantes da montanha*, de Luigi Pirandello e *Vestido de noiva*, de Nelson Rodrigues.

Referências

AS MIL e uma noites. São Paulo: Scipione, 1993.

BELLI, Roberto. *Simbad o marujo*. São Paulo: BrasiLeitura, [199-?].

CARRASCO, Walcyr. *Em busca de um sonho*. São Paulo: Moderna, 2006.

DUMAS, Alexandre. *O conde de Montecristo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LOBATO, Monteiro. *Reinações de Narizinho*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

PIRANDELLO, Luigi. *Os gigantes da montanha*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.

RODRIGUES, Nelson. *Vestido de noiva*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.